

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

Gabriela dos Reis Lourenço

OS BASTIDORES DA NOTÍCIA E OS DESAFIOS DA REPORTAGEM:
uma análise das narrativas do Profissão Repórter

Juiz de Fora
Novembro de 2018

Gabriela dos Reis Lourenço

OS BASTIDORES DA NOTÍCIA E OS DESAFIOS DA REPORTAGEM:
uma análise das narrativas do Profissão Repórter

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador(a): Profa. Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho

Juiz de Fora
Novembro de 2018

Lourenço, Gabriela dos Reis.

Os bastidores da notícia e os desafios da reportagem : uma análise das narrativas do Profissão Repórter / Gabriela dos Reis Lourenço. -- 2018.

79 p. : il.

Orientadora: Iluska Maria da Silva Coutinho

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2018.

1. Profissão Repórter. 2. Jornalismo Empático. 3. Rede Globo. 4. Jornalismo Investigativo Brasileiro. 5. Dramaturgia do Jornalismo. I. Coutinho, Iluska Maria da Silva, orient. II. Título.

Gabriela dos Reis Lourenço

Os bastidores da notícia e os desafios da reportagem:
uma análise das narrativas do Profissão Repórter

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Jornalismo, da Faculdade de
Comunicação Social da Universidade Federal
de Juiz de Fora, como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel.

Orientador(a): Profa. Dra. Iluska Maria da
Silva Coutinho (FACOM/UFJF)

Aprovado(a) pela banca composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho (FACOM/UFJF) – Orientadora

Prof. Me. Eduardo Sérgio Leão de Souza (FACOM/UFJF) – Convidado

Mestrando Luiz Felipe Novais Falcão (PPGCOM/UFJF) – Convidado

Conceito obtido: (x) aprovado(a) () reprovado(a)

Observações da banca:

Juiz de Fora, 04 de dezembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e ao Universo por terem delineado uma trajetória de sucesso para mim e por terem colocado pessoas tão especiais ao meu redor, durante a graduação.

À minha mãe, Emilene Maria dos Reis, por nunca ter poupado esforços e recursos para que eu tivesse acesso à melhor educação possível.

Aos meus queridos amigos e amigas por acompanharem de perto minha trajetória, torcerem sempre pelo meu sucesso e por compreenderem tão bem os momentos em que me afastei para me dedicar ao meu sonho.

À minha orientadora Iluska Coutinho, por todo conhecimento transmitido durante o curso e pela confiança depositada. E aos convidados, Eduardo Leão e Luiz Felipe Falcão, por terem aceito tão bem o desafio de colaborar com este trabalho.

Às empresas e organizações pelas quais passei durante os últimos quatro anos. Em especial, à Acesso Comunicação Júnior, à Federação de Empresas Juniores de Minas Gerais e ao Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia por todas as oportunidades concedidas, conhecimentos transmitidos e amizades criadas.

“Todas as vitórias ocultam uma abdicação.”
(BEAUVOIR, Simone de)

RESUMO

Este trabalho ocupa-se com a análise narrativa do programa de jornalismo investigativo Profissão Repórter, exibido semanalmente na Rede Globo. A partir da Pesquisa Documental e por meio da Análise da Materialidade Audiovisual, três episódios do programa jornalístico sobre a temática do aborto foram analisados, com o objetivo de identificar os elementos e os recursos narrativos presentes e recorrentes no Profissão Repórter. O programa, que utiliza estratégias de autorreferencialidade e metalinguagem, expõe os mecanismos da produção jornalística e colabora para a construção do que denominamos no trabalho de Jornalismo Empático, no qual as possíveis diferenças entre os repórteres e os entrevistados são desconsideradas, afinal, ambos compõem a narrativa, são atores e personagens da reportagem e figuras da vida real.

Palavras-chave: Profissão Repórter. Jornalismo Empático. Rede Globo. Jornalismo Investigativo Brasileiro. Dramaturgia do Jornalismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Reprodução da tela do episódio Aborto Clandestino, exibido em 28/10/2014. Repórteres Daniella França e Victor Ferreira.....	35
Figura 2 - Reprodução da tela do episódio Aborto Clandestino, exibido em 28/10/2014. Repórteres Caco Barcellos e Victor Ferreira.....	38
Figura 3 – Reprodução da tela do episódio Sofrimento para Abortar, exibido em 23/08/2017. Arte gráfica exibida durante a reportagem.....	45
Figura 4 – Reprodução da tela do episódio Sofrimento para Abortar, exibido em 23/08/2017. Repórter Mayara Teixeira entrevista e cinegrafia.....	48
Figura 5 – Reprodução da tela do episódio Sofrimento para Abortar, exibido em 23/08/2017. Leísa Souza Soares, uma das poucas fontes que mostraram o rosto na reportagem.....	51
Figura 6 – Reprodução da tela do episódio Aborto na América do Sul, exibido em 15/08/2018. Repórter Caco Barcellos faz a abertura do programa.....	58
Figura 7 – Reprodução da tela do episódio Aborto na América do Sul, exibido em 15/08/2018. Explicação da lei do aborto brasileira.....	61
Figura 8 – Reprodução da tela do episódio Aborto na América do Sul, exibido em 15/08/2018. Protesto a favor da descriminalização do aborto.....	65

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 TELEJORNALISMO BRASILEIRO.....	17
2.1 JORNALISMO INVESTIGATIVO NO BRASIL.....	19
2.2 JORNALISMO DA REDE GLOBO.....	22
2.3 DRAMATURGIA DO TELEJORNALISMO BRASILEIRO.....	23
3 PROFISSÃO REPÓRTER.....	27
3.1 HISTÓRIA DOS BASTIDORES DA NOTÍCIA.....	27
3.2 CACO BARCELLOS E O JORNALISMO INVESTIGATIVO.....	30
3.1 GRANDES AVENTURAS, GRANDES COBERTURAS.....	30
4 ANÁLISE DA MATERIALIDADE AUDIOVISUAL DO PROFISSÃO REPÓRTER	33
4.1 EPISÓDIO ABORTO CLANDESTINO EXIBIDO EM 28/10/2014.....	34
4.2 EPISÓDIO SOFRIMENTO PARA ABORTAR EXIBIDO EM 23/08/2017.....	43
4.3 EPISÓDIO ABORTO NA AMÉRICA DO SUL EXIBIDO EM 15/08/2018.....	57
5 CONCLUSÃO.....	69
REFERÊNCIAS.....	75

1 INTRODUÇÃO

A televisão é um meio de comunicação altamente relevante em nosso país, pois alterou a rotina das famílias brasileiras, os temas das conversas diárias, os hábitos de consumo. A rápida evolução do meio permitiu que, em um curto espaço de tempo, as imagens em preto e branco se tornassem coloridas, os programas filmados pudessem ser gravados ao vivo, e o jornal realizado em uma capital pudesse ser transmitido simultaneamente para todos os televisores do país.

A Rede Globo, por exemplo, em poucos anos se tornou líder de audiência em todo país, transformando-se em referência pelo seu “Padrão Globo de Qualidade”, que é um conjunto de práticas que norteiam as produções da emissora e colaboram para que os produtos da Rede Globo sejam característicos e marcantes.

No entanto, mais do que discutir a relevância e o avanço tecnológico da televisão, este trabalho tem como objetivo responder a seguinte questão: quais estratégias e recursos narrativos são utilizados na produção do programa **Profissão Repórter**, exibido semanalmente na Rede Globo?

Tal questão é importante para refletirmos sobre as características do programa brasileiro de jornalismo investigativo; avaliando os mecanismos frequentemente utilizados durante a produção de grandes reportagens.

Além disso, ao longo deste trabalho, refletiremos se o **Profissão Repórter** é peculiar ao inserir o repórter como centro dos acontecimentos, transformando-o em protagonista, ou se o programa global hiperboliza características inerentes ao jornalismo investigativo brasileiro.

Para responder a questão e a hipótese propostas, no segundo capítulo, recorreremos às produções de Vera Íris Paternostro (2006), Cleofe Monteiro de Sequeira (2005), Valquíria Passos Kneipp (2008), Gisele Marques e Leonel Azevedo de Aguiar (2007), Montserrat Quesada (1987), Guy Debord (1997), César Guimarães e Vera França (2006), Iluska Coutinho (2012), Talita Arrebola e Florentina Souza (2016), Teresa Neves (2005) e Iraciara Almeida de Souza (2006), que serviram como base para discutirmos a dramaturgia do telejornalismo e (re)contarmos a história do telejornalismo brasileiro e do jornalismo investigativo no país.

Já o terceiro capítulo foi dedicado à história do programa **Profissão Repórter**, que está no ar desde 2006 e é produzido por repórteres jovens e recém-formados, que produzem grandes reportagens multiangulares sob supervisão do repórter experiente Caco Barcellos. Juntos, os novatos e o veterano produzem reportagens investigativas e expõem todo

o processo de produção jornalística para o telespectador, que passa a compreender como se dá o exercício da profissão de repórter. Os estudos de Jussara Borges Alves (2016), Haydêe Arantes e Christina Musse (2010), Leandro Rodrigues Lage (2015) e Talita Vieira Lucinda (2008), além de informações institucionais disponíveis no site da emissora foram tomados como base para o capítulo.

Ainda no terceiro capítulo, apresentamos as metodologias utilizadas neste trabalho. Primeiramente, recorreu-se à Pesquisa Documental para detectar a recorrência de determinadas temáticas no programa. Durante a pesquisa, notamos que moradia, violência, garimpo, comunidade LGBT são uns dos assuntos mais recorrentes no programa. Além destes, o aborto também é uma temática frequente nas temporadas do **Profissão Repórter** e conta com três programas produzidos e disponíveis na plataforma de **streaming** da Rede Globo, a Globoplay. Diante da recorrência e da atual relevância do tema, os episódios sobre aborto foram selecionados e compõem o **corpus** da análise qualitativa deste trabalho.

Já o quarto capítulo foi dedicado às análises dos três episódios do **Profissão Repórter** sobre a temática do aborto, por meio da Análise da Materialidade Audiovisual, método desenvolvido por Iluska Coutinho (2015) no âmbito do Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (CNPq-UFJF).

No quinto e último capítulo, apresentamos uma análise geral das narrativas do **Profissão Repórter** e os resultados obtidos, na tentativa de responder a questão central e a hipótese deste trabalho. Por fim, também apontamos possíveis tópicos que podem ser explorados em futuros estudos.

2 TELEJORNALISMO BRASILEIRO

Mais que apenas uma mídia, mas também uma importante mediação e instituição social, a televisão é vista por muitas famílias em nosso país como um item indispensável. Neste capítulo, pretende-se explorar a história do telejornalismo no Brasil, destacando marcos e conceitos do jornalismo investigativo, da dramaturgia do jornalismo brasileiro e do jornalismo da Rede Globo.

No âmbito desse trabalho, a história da TV e do telejornalismo são (re)lembradas a partir da narrativa dos profissionais que dela participaram. Entre as fontes utilizadas destaca-se a obra de Vera Íris Paternostro (2006), importante referência bibliográfica acerca do fazer telejornalístico no Brasil.

A televisão chegou ao Brasil em 1950, a partir dos esforços do proprietário do grupo Diário e Emissoras Associadas, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. Chateaubriand trouxe técnicos da America Radio Corporation (RCA) e implantou a televisão no país, além de ter importado equipamentos e uma antena, que depois foi instalada em São Paulo e tinha a função de retransmitir as imagens que seriam geradas nos estúdios. A primeira emissora de TV do país, a PRF-3 TV Difusora/TV Tupi de São Paulo, foi inaugurada no dia 18 de setembro de 1950. Quatro meses depois, nasceu a TV Tupi do Rio de Janeiro.

Para a inauguração da PRF-3 TV Difusora, “[...] Chateaubriand mandou instalar 200 aparelhos em pontos de movimento da cidade, como a Praça da República, para que o público pudesse assistir ao acontecimento e comprovar a existência da televisão.” (PATERNOSTRO, 2006, p. 30).

Em 1960, uma novidade que contribuiu para a profissionalização do jornalismo chegou ao país: o **videotape**¹, também conhecido como VT. A TV Tupi de São Paulo foi a primeira emissora a utilizá-lo, gravando a festa de inauguração de Brasília, que ocorreu no dia 21 de abril de 1960.

Em 26 de abril de 1965, Roberto Marinho colocava a TV Globo no ar, que começou com uma programação popular. Quatro anos depois, em 1º de setembro de 1969, a Globo lançava o primeiro telejornal de rede da televisão brasileira: o **Jornal Nacional**, que era gravado no Rio de Janeiro e retransmitido ao vivo para todo país, graças à estrutura da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) para as redes nacionais de televisão. O

¹ “Estava instaurada a revolução do VT: operações atualizadas, racionalização da produção, economia de custo e tempo, melhor qualidade nos programas.” (PATERNOSTRO, 2006, p. 31).

Jornal Nacional é o telejornal brasileiro que está no ar há mais tempo, além de permanecer líder de audiência, ainda que com a concorrência da **web** e das mídias digitais móveis.

Durante a ditadura militar (1964-1985), os veículos de comunicação passaram a trabalhar sob regras criadas pelo governo militar, que censurava previamente os conteúdos. A TV Globo, por exemplo, sofreu um veto de censura e retirou os programas do Chacrinha e da Dercy Gonçalves do ar.

Mesmo com os obstáculos da ditadura, as emissoras não paravam de crescer, inovar e incorporar novas tecnologias. Em 1972, a TV Difusora de Porto Alegre realizou a primeira transmissão em cores do país. Na mesma década, as emissoras criaram a programação nacional, válida para a emissora-sede e para as afiliadas.

Ainda nos anos 1970, a TV Globo se tornou líder de audiência e lançou os programas semanais **Globo Repórter** e **Fantástico**. Logo depois, a emissora lançou as séries e as minisséries, que contribuíram para que a Globo se destacasse entre as demais. Inclusive, com o crescimento da TV Globo, as emissoras concorrentes passaram a ter dificuldades: a TV Tupi Rio, por exemplo, estava endividada e foi retirada do ar. Anos depois, a Rede Tupi de Televisão foi cassada pelo governo e chegou ao fim, também com problemas financeiros. Da Rede Tupi, surgiu o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), de Silvio Santos, e a Rede Manchete de Televisão, de Adolfo Bloch. Nos anos 1980, o SBT se consolidava como vice-líder de audiência no país.

Apesar do desagradável fim, a TV Tupi foi pioneira em muitos aspectos e exibiu o primeiro telejornal da TV brasileira em 1950, o **Imagens do Dia**. Na TV Tupi, também era exibido o primeiro telejornal de sucesso do país, **O Repórter Esso**, que ficou no ar por quase vinte anos.

Além do **Jornal Nacional** (TV Globo), do **Imagens do Dia** (TV Tupi São Paulo) e d'**O Repórter Esso** (TV Tupi São Paulo e Rio), outros telejornais e programas jornalísticos da época são tidos como referência no país. São eles: **Edição Extra** (TV Tupi São Paulo), **Jornal da Vanguarda** (estudou na TV Excelsior e, depois, passou pela TV Tupi, Globo, Continental e Rio), **Show de Notícias** (Excelsior), **Bom Dia São Paulo** (Globo São Paulo), **TV Mulher** (Globo São Paulo), **Bom Dia Brasil** (Rede Globo), **TJ Brasil** (SBT), **Aqui Agora** (SBT).

Esta seção registrou alguns marcos importantes da história do telejornalismo brasileiro, a partir do livro **O Texto na TV**, de Paternostro (2006). Apesar da televisão ter chegado ao país antes dos primeiros registros do jornalismo investigativo brasileiro, diversos autores acreditam que ambas as modalidades jornalísticas se relacionam, pois o jornalismo

investigativo alterou o modo de produzir grandes reportagens televisivas. Tal ponto será discutido na próxima seção.

2.1 JORNALISMO INVESTIGATIVO NO BRASIL

Para Cleofe Monteiro de Sequeira (2005) o jornalismo investigativo tal como o entendemos hoje surgiu nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), mas o ápice do gênero naquele país ocorreu em 1972, quando o **caso Watergate** foi a público. O escândalo político foi descoberto por jornalistas do veículo impresso **The Washington Post**, que publicaram uma série de matérias sobre o caso. A denúncia culminou na renúncia do ex-presidente estadunidense Richard Nixon.

No Brasil, segundo Sequeira (2005, p. 16), o “[...] jornalismo investigativo tem sido praticamente ignorado nos principais estudos sobre a prática profissional”, mesmo sendo praticado pelos jornalistas brasileiros desde os anos 1970. Para a autora, duas reportagens da época não deixam dúvidas de que o jornalismo investigativo já era adotado no Brasil: a primeira é a série de reportagens do jornal **O Estado de S. Paulo**, que denunciou os privilégios dos ocupantes de cargos públicos durante a ditadura militar (1964-1985). Coordenada por Ricardo Kotscho em 1976, a reportagem “Assim vivem os nossos superfuncionários”² abalou a política brasileira, a ponto do repórter ser aconselhado a deixar o país por questões de segurança. Três anos depois, a revista **Veja** publicou uma reportagem investigativa que esmiuçou os métodos de tortura praticados durante o governo Geisel (1974-1979).

No livro **Jornalismo Investigativo** (2005), Sequeira explica que, desde o surgimento, o jornalismo investigativo mudou muito, já que o contexto atual é bem diferente da realidade vigente até a segunda metade dos anos 1970. Segundo a autora, nos anos 1980, as redações de jornalismo impresso exigiam que os profissionais produzissem cada vez mais rápido e, com isso, as reportagens investigativas perderam espaço nas páginas dos jornais, já que demandavam um tempo maior de produção. Para Sequeira, as mudanças do jornalismo investigativo não têm desanimado os profissionais da área, pois eles têm ciência do quão importante a reportagem investigativa é para a sociedade. “Por outro lado, esses profissionais repudiam a visão romântica do jornalismo investigativo como guardião da sociedade.” (SEQUEIRA, 2005, p. 189).

² ACERVO ESTADÃO, 1976.

No que refere-se à investigação jornalística na TV, segundo Valquíria Passos Kneipp (2008), o surgimento do jornalismo investigativo televisivo brasileiro está diretamente ligado à migração dos jornalistas dos veículos impressos para a televisão. Esse é o caso do idealizador do programa **Profissão Repórter**, Caco Barcellos, que terá a sua trajetória explorada mais adiante neste trabalho. Para Kneipp, tal fenômeno de migração, que ocorreu nos anos 1980, se deve ao que a autora qualifica como inexpressividade da televisão na época, quando o meio era visto como porta-voz do governo militar. “O fluxo de informação era sempre iniciado pelos jornais e nunca pela televisão.” (KNEIPP, 2008, p. 11).

A criação do programa **Documento Especial** da TV Manchete também é apontada como um momento que colaborou para o surgimento do jornalismo investigativo na televisão brasileira (KNEIPP, 2008, p. 11). Com um formato similar ao do programa **Globo Repórter**, da Rede Globo, o **Documento Especial** entrou no ar em agosto de 1989. Em 1992, passou a ser exibido no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e, em 1997, o programa se tornou parte da programação da TV Bandeirantes. Desde 2007, os principais episódios são reprisados no Canal Brasil. O programa **Linha Direta**, exibido entre 1999 e 2007 na Rede Globo, também seria uma marca da chegada do jornalismo investigativo na TV.

Na tevê Globo, essa premissa pode ser constatada a partir da chegada de Luiz Fernando Mercadante, que promoveu uma pequena revolução na emissora, trazendo muitos de seus companheiros do impresso para dar mais corpo ao telejornalismo, que era tão desacreditado. [...] A migração de jornalistas de um veículo impresso para um eletrônico, naquele momento, era essencial para o desenvolvimento da linguagem e do texto telejornalístico. [...] A partir deste período, as redações de tevê ganharam uma estrutura organizacional parecida com a existente nos veículos impressos e criou-se também o primeiro manual de redação na Globo. [...] Tanto o programa Documento Especial de Nelson Hoineff quanto o método utilizado pelo jornalista Caco Barcellos, caracterizaram a presença de investigação, através de técnicas, até então, não utilizadas pelo telejornalismo brasileiro. (KNEIPP, 2008, p. 14)

Diversos pesquisadores não fazem distinção entre jornalismo e jornalismo investigativo, pois acreditam que toda produção jornalística necessita de investigação. Com isso, muitos profissionais da área veem a expressão “jornalismo investigativo” como um pleonasma. Para Kneipp (2008, p. 04), “a princípio, toda forma de jornalismo deveria ser investigativa, mas o que convencionou a criação de espaço exclusivo para essa prática foi a falta de investigação, que o jornalismo ‘chapa branca’ vem apresentando ao grande público [...]”. Por sua vez Marques e Aguiar (2007, p. 16) defendem que “o jornalismo investigativo está ancorado na curiosidade e no trabalho intenso de assuntos para o interesse público”. Os

autores acrescentam que o jornalismo investigativo não pode ser confundido com denunciamento, apesar das denúncias também terem o seu valor.

A investigação está ancorada no processo de produção, na escolha do assunto, no alcance do público, nas influências sobre o público leitor, na construção de uma sociedade democrática, nas interferências da e sobre a sociedade. Por isso, a questão ética deve ser constante para o exercício da profissão. Dessa forma, o profissional deve ter consciência de sua responsabilidade, uma vez que pode possibilitar a formação de olhares críticos e, por conseguinte, mudanças no contexto social. (MARQUES; AGUIAR, 2007, p. 16)

Segundo Quesada³ (1987, *apud* SEQUEIRA, 2005, p. 74), as diferenças entre jornalismo de atualidade e jornalismo investigativo não se dão pela apresentação da reportagem ou pelo formato do texto, mas pela forma que o jornalista trabalha e pelas estratégias de apuração usadas pelo profissional. Para a pesquisadora, a observação desses aspectos é crucial para diferenciar uma reportagem investigativa de uma reportagem em profundidade, também chamada de reportagem interpretativa.

Para Sequeira (2005, p. 16), “[...] embora qualquer prática jornalística pressuponha alguma investigação, há uma categoria que se diferencia das outras [...], definida como jornalismo investigativo”. Sequeira também acrescenta que o jornalismo diário difere do jornalismo investigativo porque o primeiro é praticado sem investigação por parte da equipe de reportagem, que normalmente trabalha pautada por textos produzidos e enviados pelas assessorias de imprensa e secretarias de comunicação de órgãos públicos e privados.

O jornalista Alberto Dines levou diversas vezes essa prática rotineira das redações (1986, p.91) à discussão, afirmando que tal situação tem sua origem no autoritarismo pós-1964, que colocou nossa imprensa na era da nota oficial. Nela, o repórter recebia o texto pronto em vez de cavar suas próprias informações com as fontes, permitindo-se no máximo acrescentar uma cabeça ou *lead*. (SEQUEIRA, 2005, p. 16, grifo da autora)

Sequeira (2005) ainda comenta que o jornalismo investigativo não se limita ao factual, explora os acontecimentos ao máximo e denuncia situações de interesse público. Para ela, o jornalista investigativo adota métodos que o jornalista de atualidades não costuma adotar. A autora também acredita que, para atingir os objetivos do jornalismo investigativo, os repórteres devem utilizar estratégias comuns a esses profissionais, como a infiltração do jornalista no centro dos acontecimentos. Apesar de muitos profissionais da área condenarem a estratégia de infiltração, não há nenhum artigo na última versão do Código de Ética dos

³ QUESADA, Montserrat. **La Investigación periodística: el caso español**. Barcelona, Espanha: Editora Ariel, 1987.

Jornalistas Brasileiros (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 2007) que proíba a ação. Entretanto, recomenda-se que os jornalistas não divulguem informações que tenham sido “obtidas de maneira inadequada, por exemplo, com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas ou microfones ocultos, salvo em casos de incontestável interesse público e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração.” (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 2007, p. 03).

2.2 JORNALISMO DA REDE GLOBO

A Rede Globo, emissora das Organizações Globo, foi criada pelo jornalista e empresário Roberto Marinho e entrou no ar no dia 26 de abril de 1965, às 10h45. No início, a emissora contava com uma programação popular, adaptando os sucessos do rádio para a televisão, mas com o tempo foi se sofisticando e se diferenciando das concorrentes. Em 1969, a TV Globo lançou o primeiro telejornal de rede da televisão brasileira, o **Jornal Nacional**. E, em 1973, lançou o **Globo Repórter** e o **Fantástico**. Os três programas ainda são destaques da programação da emissora. Além deles, em meados dos anos 1980, o sucesso dos telejornais **Bom Dia São Paulo** e **Bom Dia Brasil** também já era evidente.

Com o conceito de noticiário que desperta o interesse de todos os brasileiros, o Jornal Nacional inova no formato e na linguagem. Na estreia, uma novidade no script: enquanto os telejornais, até então, deixavam a notícia mais impactante para o fim, o JN cria a “escalada”, pequenas chamadas dos assuntos mais relevantes na abertura. Após a escalada, o primeiro bloco começa com o principal assunto factual do dia. Os editores do JN idealizam também o “boa noite”, despedida diária dos apresentadores. (GRUPO GLOBO, 2013)

O jornalismo da Rede Globo coleciona coberturas de eventos marcantes, como as enchentes no Rio de Janeiro em 1966; a chegada do homem à lua em 1969; o escândalo Watergate em 1972; a revolução dos cravos em 1974; morte de Juscelino Kubistchek em 1976; queda do muro de Berlim em 1989; acidente aéreo da TAM em 1996; o escândalo da máfia dos fiscais em 1998.

No entanto, a emissora reconhece que errou durante a cobertura de dois eventos importantes da vida política brasileira: Diretas Já (1983-1984) e debate presidencial entre Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva, que ocorreu em 1989. Nas Diretas Já, a emissora foi criticada por não ter dado a verdadeira dimensão de um comício que ocorreu na Praça da Sé, em São Paulo, que chegou a ser noticiado como um evento comemorativo do aniversário da cidade. Segundo o Memória Globo (2013), “[...] se por um lado segmentos da

sociedade pressionavam a Rede Globo para se engajar nas manifestações pelas Diretas, por outro a emissora vinha sendo pressionada pelos militares a não cobrir os eventos.”

Já em 1989, a TV Globo foi questionada por conta de duas matérias com trechos do último debate presidencial entre Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva. Na primeira matéria, exibida no **Jornal Hoje**, a emissora foi criticada por apresentar um equilíbrio que não houve entre os candidatos. E a segunda matéria, exibida no **Jornal Nacional** – e mais criticada pelo público, privilegiou o desempenho do candidato Fernando Collor, que teve um minuto e meio a mais do que o oponente.

Por isso, hoje, a emissora adota como norma não editar debates políticos; eles devem ser vistos na íntegra e ao vivo. Concluiu-se que um debate não pode ser tratado como uma partida de futebol, pois, no confronto de ideias, não há elementos objetivos comparáveis àqueles que, num jogo, permitem apontar um vencedor. Ao condensá-los, necessariamente bons e maus momentos dos candidatos ficarão fora, segundo a escolha de um editor ou um grupo de editores, e sempre haverá a possibilidade de um dos candidatos questionar a escolha dos trechos e se sentir prejudicado. (MEMÓRIA GLOBO, 2013)

Esta seção registrou alguns marcos importantes do telejornalismo global a partir de registros institucionais do site Memória Globo. Para muitos estudiosos, a TV Globo estabeleceu um certo padrão no telejornalismo brasileiro e, por isso, já foi tema de diversos estudos acadêmicos. Neste trabalho, a opção é por observar a dimensão narrativa do telejornalismo, tema da seção seguinte.

2.3 DRAMATURGIA DO TELEJORNALISMO BRASILEIRO

Antes de explorar a dramaturgia do telejornalismo brasileiro, a reflexão acerca dos conceitos “espetáculo” e “narrativa” se faz válida. Para Guy Debord (1997), o espetáculo é uma parte da sociedade que concentra todo olhar e toda consciência, além de ser um instrumento de unificação.

Para descrever o espetáculo, sua formação, suas funções e as forças que tendem a dissolvê-lo, é preciso fazer uma distinção artificial de elementos inseparáveis. Ao *analisar* o espetáculo, fala-se de certa forma a própria linguagem do espetacular, ou seja, passa-se para o terreno metodológico dessa sociedade que se expressa pelo espetáculo. Mas o espetáculo nada mais é que o *sentido* da prática total de uma formação econômico-social, o seu *emprego do tempo*. É o momento histórico que nos contém. (DEBORD, 1997, p. 16, grifo do autor)

Segundo Debord (1997), a sociedade é viciada em espetáculos, se tornando passiva e espectadora da própria vida. Ainda segundo o autor, os espectadores tendem a acreditar mais naquilo que é noticiado, como se o que não aparecesse nas capas de jornais não tivesse ocorrido.

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte. (DEBORD, 1997, p. 30)

Já sobre as narrativas, Guimarães e França (2006) as consideram um fenômeno complexo, pois instigam o espectador por sua capacidade de, ao mesmo tempo, se repetirem e se diferenciarem. Os autores acrescentam que as narrativas não podem ser tratadas como um dado, pois requerem um “olhar narrativizante”, que seria “[...] um modo de se perguntar sobre experiências, saberes, mundos, forças presentes na mídia, na rua, na vida.” (GUIMARÃES; FRANÇA, 2006, p.27).

Narrativas são práticas ordenadoras de sentido, intervenções concretas, em contextos específicos, desenvolvidas por sujeitos; elas estão inseridas ou fazem parte de um processo mais amplo, que são os processos comunicativos. Temos assim, compondo esses processos, tanto as narrativas como os sujeitos que as produzem. Processos comunicativos põem em cena indivíduos investidos de um novo papel: sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. (GUIMARÃES; FRANÇA, 2006, p. 61)

As narrativas jornalísticas se dão e são organizadas por meio da revelação da existência de conflitos narrativos, segundo Coutinho (2012), que defende a existência de uma dramaturgia no jornalismo. Coutinho ainda explica que o texto e a edição das matérias se estruturam no tempo a partir desse conflito narrativo, que quase sempre é evidenciado pelos apresentadores. Além disso, para a autora, a dramaturgia pode ser percebida no jornalismo a partir do momento que o tema tratado pode ser desdobrado em novas narrativas.

A busca de um paralelo entre notícia e drama como forma de analisar a informação na TV poderia, à primeira vista, ser considerada heresia segundo as definições clássicas de jornalismo e, especialmente, de seu modelo adotado na mídia brasileira. É como se a simples menção do termo drama representasse uma perigosa aproximação do entretenimento, ou pior, ao campo do sensacionalismo. (COUTINHO, 2012)

Para verificar a presença de elementos da dramaturgia na produção de conteúdo jornalístico, Coutinho (2012) entende que é necessário, primeiramente, detectar a existência de um conflito narrativo, pois ele costuma ser o ponto de partida das notícias. A autora acrescenta que o conflito pode ser do tipo social e real ou do tipo **pseudoconflito**, no qual o conflito “estaria presente apenas como uma forma de contar a estória, verídica, na televisão, como estrutura ou opção narrativa.” (COUTINHO, 2012).

Alicerçada nas premissas de Aristóteles sobre drama, Coutinho (2012) percebe a dramaturgia do jornalismo como uma forma de organização narrativa, que inclui aspectos de encenação e do caráter espetacular, além da organização das matérias que dão a possibilidade do telespectador ter conhecimento do desenrolar das narrativas representadas por personagens reais. O uso de recursos audiovisuais e o tom emocional geralmente empregado pelos apresentadores também são vistos pela autora como elementos da receita dramática de Aristóteles e como estratégias que garantem o apelo do espetáculo noticioso.

No livro **Dramaturgia do Jornalismo** (2012), Coutinho aponta os aspectos que devem ser analisados para detectar e avaliar a dramaturgia do jornalismo. A existência de um conflito narrativo, presença de personagens que desempenham diferentes papéis e executam ações, presença de lição moral e o uso de entrevistas são alguns desses aspectos.

Segundo Arrebola e Souza (2016), o telejornalismo tem buscado meios de se aproximar do público e utilizado a dramaturgia para alcançar esse objetivo. A movimentação dos repórteres pelo cenário do estúdio, a linguagem informal e a descontração dos repórteres, o uso de várias câmeras, de narrativas testemunhais, além da utilização de enquadramentos, cortes e movimentações de câmera não tradicionais são vistos pelas autoras como formas de inserir recursos do espetáculo e da dramatização na atividade jornalística.

Sobre o real dramatizado, Neves (2005) acredita que o jornalismo-espetáculo tem o poder de realçar acontecimentos importantes, sendo a associação de personagens aos acontecimentos a forma mais comum de conferir interesse a um fato. Neves percebe o processo de personificação da notícia como uma estratégia que cria um ambiente afetivo e gera reconhecimento.

A dramatização aplicada à informação telejornalística serve como documentação visual capaz de enriquecer a palavra oral e ampliar o grau de interesse do telespectador por aquilo que é noticiado. Se é verdade que a encenação não concentra em si o mesmo valor espetacular do flagrante, certamente empresta à narração verbalizada, em off, uma perspectiva mais interessante do ponto de vista da comoção. Na televisão brasileira, a Rede Globo, com sua ampla e bem-sucedida experiência em teledramaturgia, é a emissora que mais emprega, em seus programas noticiosos, o recurso da encenação de fatos do mundo real. [...] Ocorre, porém, que, na televisão, tanto quanto no cinema e ao contrário do teatro, o olhar do espectador

é guiado, cabendo ao diretor, com o uso de câmeras, microfones e edição, escolher o ponto de vista de cada cena, dando disso conhecimento ao público por meio da variação de planos. Dispondo de recursos desta natureza, a encenação dramática na televisão, por mais consubstanciada que esteja na realidade, revela-se mais aberta à possibilidade de manipulação. (NEVES, 2005, p. 12)

Apesar de entender que as histórias e os casos particulares são importantes para servir de exemplo e conferir credibilidade ao que é noticiado, Souza (2006, p. 16) acredita que “se um programa jornalístico deve ter o foco na informação, o personagem que ilustra o fato, não poderá sobrepor-se ao conteúdo propriamente dito”, pois o programa deveria se pautar pela informação. Portanto, para Souza, o personagem não deve ser o componente que guia a narrativa, pois pode deturpar o conteúdo informativo e afetar a qualidade da notícia.

Para entender a utilização da narrativa na construção da notícia na atividade dos principais veículos de comunicação, é preciso investigar como ela atende às motivações comerciais destes veículos paralelamente à sua função social de fornecer informação de interesse público. Em outras palavras, é preciso investigar o tipo de apelo que ele exerce sobre o público para fidelizá-lo aos veículos. Um fato ocorrido com pessoas remete o público a uma situação de sua vida real e a carga emotiva que o instiga a continuar a ler, ouvir ou assistir a matéria é muito alta. Esse fato justifica o uso desse critério conhecido por personalização bem como sua estratégica aplicação no discurso dos jornais. (SOUZA, 2006, p. 18)

3 PROFISSÃO REPÓRTER

Idealizado pelo jornalista Caco Barcellos, o programa de jornalismo investigativo **Profissão Repórter** é exibido pela Rede Globo, desde 2006. Neste capítulo, pretende-se explorar a história do programa global e de seu criador, e expor como se deu a seleção do **corpus empírico** deste trabalho.

3.1 HISTÓRIA DOS BASTIDORES DA NOTÍCIA

Primeiramente, o programa-piloto do **Profissão Repórter** foi exibido na Rede Globo como um especial do programa Globo Repórter, em 28 de abril de 2006. Na semana seguinte, o **Profissão Repórter** se tornou um quadro do programa dominical Fantástico. No Fantástico, o jornalista Caco Barcellos, idealizador do **Profissão Repórter**, e sua equipe produziram 43 reportagens, entre maio de 2006 e maio de 2007, segundo o portal G1⁴.

Ainda em 2007, os jornalistas do **Profissão Repórter** produziram três programas especiais de reportagem, que foram exibidos nos dias 30 de agosto, 18 de outubro e 13 de dezembro de 2007.

Em 2008, o programa voltou a ter espaço fixo na programação da emissora e, na época, era exibido nas noites de terça-feira. O **Profissão Repórter** semanalmente reporta uma temática sob diversas angulações – normalmente três, revelando os bastidores das produções das reportagens televisivas e expondo o processo produtivo do jornalismo em TV, desde a reunião de pauta até a edição.

Com cinco anos de existência, o programa já colecionava ao final da primeira década do século XXI grandes coberturas e marcos, como a cobertura da tragédia de Santa Catarina em 2008⁵ e do terremoto no Haiti em 2010⁶, além do fato do programa ter estreado a transmissão regular em alta definição (HD) no ano de 2009.

O programa global também conta com diversas premiações: em 2006, 2007 e 2008 conquistou o Prêmio Jovem Brasil. Em 2007, o programa ganhou o Prêmio TV Press como melhor jornalístico de TV, foi finalista do Prêmio Mídia da Paz e conquistou o Prêmio AMB de Jornalismo. Em 2008, o **Profissão Repórter** foi reconhecido no Prêmio Extra de Televisão como melhor programa do ano e também conquistou o Troféu Top of Business

⁴ <http://especiais.g1.globo.com/profissao-reporter/10anos/>

⁵ <https://globoplay.globo.com/v/920184/>

⁶ <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>

Nacional. Em 2010, veio o Prêmio Jovem Brasileiro. Em 2009, o Troféu Imprensa de Melhor Programa Jornalístico. Já em 2012, o programa foi indicado ao Prêmio Emmy Internacional com uma reportagem sobre jovens e crianças viciadas em drogas⁷. Por fim, em 2016, o **Profissão Repórter** venceu o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos na categoria Reportagem de TV.

Em 2012, o programa estreou um novo formato de reportagens, no qual o repórter viajava sozinho com uma câmera e, portanto, também era responsável por produzir as imagens da cobertura. Já no ano seguinte, 2013, os jovens repórteres do **Profissão Repórter** passaram por dois episódios desafiadores: no primeiro, cinco equipes do programa se espalharam por São Paulo e pelo Rio de Janeiro para cobrir as manifestações populares que levaram milhões de brasileiros às ruas⁸, fazendo do episódio uma das maiores manifestações da história do país. O segundo desafio enfrentado pela equipe do **Profissão Repórter**, em 2013, foi a cobertura da despedida de Nelson Mandela⁹, que foi ao ar com o último bloco gravado e editado apressadamente dentro do estádio em que ocorriam as homenagens ao líder sul-africano, segundo o portal G1¹⁰.

Em 2016, o programa completou 10 anos e passou a ser exibido às quartas-feiras, por volta das 23h30, após as transmissões dos jogos de futebol. Por conta do horário que é transmitido, o **Profissão Repórter** é exibido para um público mais reduzido e seletivo.

Atualmente, o **Profissão Repórter** permanece sendo exibido semanalmente, às quartas-feiras, com coberturas que duram entre 30 e 40 minutos e são divididas em dois blocos. No entanto, o contato com o programa por parte do público pode ser prolongado: os programas produzidos a partir de 2008 estão disponíveis na plataforma de vídeos da Globo, a Globoplay. Além disso, o programa conta com perfis no Instagram, Twitter, Facebook, que são utilizados e atualizados com frequência pelos repórteres, com o objetivo de manter o contato com o público, principalmente nos dias da semana em que o programa não é exibido pela Rede Globo. Portanto, o telespectador tem a possibilidade de assistir o **Profissão Repórter** de forma virtual e pode enviar mensagens para a equipe do programa por meio das mídias sociais e também do portal G1, que tem um espaço dedicado para sugestões, dúvidas e críticas dos usuários.

⁷ <https://globoplay.globo.com/v/1569427/>

⁸ <http://redeglobo.globo.com/videos/t/tudo-da-globo/v/profissao-reporter-manifestacoes-de-junho-de-2013-1-bloco/3948250/>

⁹ <https://globoplay.globo.com/v/3010152/>

¹⁰ <http://especiais.g1.globo.com/profissao-reporter/10anos/>

Já a equipe do programa, que é constantemente atualizada¹¹, atualmente conta com nove repórteres (Danielle Zampollo, Erik Von Poser, Eliane Scardovelli, Estevan Muniz, Guilherme Belarmino, Júlio Molica, Mayara Teixeira, Nathalia Tavolieri e Sara Pavani), além do jornalista Caco Barcellos, que é idealizador e diretor do programa. Nas edições do **Profissão Repórter**, é notável o tom pedagógico na relação entre os jovens jornalistas e o repórter experiente, que acompanha de perto a produção de todas as reportagens e também participa da apuração.

Segundo Alves (2016), o programa da Rede Globo tem sido o tema de diversos estudos por conta de seu formato inovador e pioneiro. Ao analisar o programa, Alves constatou que o **Profissão Repórter** normalmente explora pautas factuais, apesar de também abordar assuntos que não estão em evidência e em discussão. A autora ainda acrescenta que, apesar de conter elementos do gênero documentário, o programa busca um olhar completo sobre os fatos narrados a partir de diversas vozes e pontos de vistas - uma característica do jornalismo.

Após analisarem o programa, Arantes e Musse (2010) também concluíram que o **Profissão Repórter** se apresenta como um produto jornalístico híbrido, contendo elementos do telejornalismo, do jornalismo investigativo e da espetacularização. Para as autoras, tentar enquadrar o programa em apenas uma categoria “[...] significa reduzir o seu potencial criador. Sua originalidade reside, sobretudo na sua capacidade de mesclar diferentes gêneros, que convivem entre si de forma harmônica.” (ARANTES, Haydêe; Musse, Christina, 2010, p. 12).

Para Lage (2015), o programa revela os seus mecanismos e estratégias, ao mostrar os bastidores da produção jornalística. Segundo ele, essa proposta é ambígua, pois transforma “[...] a encenação das figuras do repórter e dos personagens parte de outra encenação, roteirizada, montada e, sobretudo, menos aparente: a encenação da encenação.” (LAGE, 2015, p. 156).

Por fim, Lucinda (2008, p. 94) acredita que, apesar dos artifícios e estratégias utilizados no programa serem eficientes, é preciso refletir “até que ponto o desnudamento dos bastidores é informação e em que momento esta prática ultrapassa os limites do jornalismo para se firmar como um entretenimento destituído de valor cultural”. Para a autora, a resposta desse questionamento está no bom senso de quem produz a reportagem. Lucinda ainda levanta uma outra questão: “[...] o **Profissão Repórter**

¹¹ A equipe do **Profissão Repórter** é frequentemente renovada porque a proposta do programa é desafiar jornalistas jovens e recém-graduados para que eles produzam grandes reportagens, sob diversas angulações e encarando os percalços da profissão.

é uma nova forma de se fazer jornalismo ou uma espécie de ‘**reality show** da reportagem’, onde o que vale é ‘desmascarar’ o correspondente da informação?

3.2 CACO BARCELLOS E O JORNALISMO INVESTIGATIVO

Nascido em 1950, em Porto Alegre, Cláudio Barcellos de Barcellos, o Caco Barcellos, iniciou a sua carreira no jornalismo impresso, no jornal Folha da Manhã. No mesmo momento, Barcellos começou a colaborar com a imprensa alternativa, enviando textos para o jornal Versus e também participando da fundação do Coojornal. Ambos os jornais alternativos nasceram durante a ditadura militar (1964-1985).

Formado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Barcellos trabalhou por muitos anos como **freelancer**, enviando seus textos para a grande imprensa, como o Jornal da Tarde. Barcellos também escreveu para as revistas IstoÉ e Veja, em 1980, e posteriormente passou a integrar a equipe do programa Globo Repórter da Rede Globo. Depois, participou de um projeto da TV da Editora Abril.

Em 1997, Caco Barcellos trabalhou para a Globo News, no programa Espaço Aberto. Em 2002, Barcellos tornou-se correspondente internacional da Globo em Londres e, no ano seguinte, foi transferido para Paris.

Em 2005, o jornalista investigativo voltou para o Brasil, como repórter especial novamente em São Paulo e, em 2006, tirou o projeto **Profissão Repórter** do papel.

Apesar de ter estreado em 2006, a concepção e proposta do **Profissão Repórter** são anteriores, e teriam sido criadas em 1995, segundo entrevista de Barcellos ao Memória Globo (MEMÓRIA, [entre 2006 e 2018]). “Eu desejava uma dinâmica de reportagem que pudesse contar a história sob vários ângulos. Porque não existe verdade absoluta; a verdade é sempre relativa de acordo com o olhar que você tem sobre aquela história”, contou Barcellos.

3.3 GRANDES AVENTURAS, GRANDES COBERTURAS

Semanalmente, a equipe do **Profissão Repórter** tem como missão denunciar e investigar com profundidade um assunto relevante para o público, expondo os mecanismos da produção jornalística. Como o programa está no ar há doze anos, é natural que algumas temáticas tenham sido o tema central do programa em mais de uma ocasião.

Para detectar a recorrência dos temas e, posteriormente, escolher quais episódios seriam analisados, recorreu-se primeiramente à Pesquisa Documental.

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por materiais já elaborados, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico [...]. (FONSECA, 2002, p. 32)

Portanto, tomou-se como universo da pesquisa a plataforma Globoplay com o objetivo de detectar os assuntos tratados no **Profissão Repórter**. Durante a pesquisa, percebeu-se que na plataforma não há todos os programas veiculados. Estão disponíveis na Globoplay os programas exibidos a partir de setembro de 2008. Com isso, os episódios veiculados em 2006 e 2007 foram automaticamente eliminados do levantamento, por conta da impossibilidade de assistir o material na íntegra e, depois, analisar eventuais resultados relevantes.

A partir da pesquisa documental, tinha-se como objetivo produzir um levantamento temático, identificando os assuntos mais recorrentes nas edições do **Profissão Repórter**. No levantamento temático, observou-se que moradia é a questão mais frequente no programa jornalístico (sete programas exibidos entre 2008 e 2018), seguida de temas relacionados à violência (cinco programas), garimpo (quatro programas) e comunidade LGBT (quatro programas). Em seguida, o aborto é o tema mais recorrente, com a presença no período do recorte de três programas que serão analisados neste trabalho. Por fim, temáticas como a busca por justiça, a busca por emprego, a seca e a gravidez na adolescência tiveram cada uma dois programas exibidos entre 2008 e 2018, e estão no **ranking** dos assuntos mais tratados no programa jornalístico. Vale destacar que a pesquisa documental e o levantamento temático levaram em consideração os episódios exibidos até 12 de setembro de 2018, período tomado como recorte nesse trabalho.

Após a produção do levantamento temático, os três episódios que tratavam da temática aborto foram selecionados para compor o **corpus** da análise qualitativa. Entre as justificativas para a escolha destaca-se a relevância do assunto na atualidade, a quantidade de programas produzidos e disponíveis na plataforma Globoplay, além do espaço de tempo que separa os programas, considerado suficiente para perceber as similaridades e discrepâncias entre os episódios.

O primeiro episódio analisado¹² foi exibido no dia 28 de outubro de 2014 e trata sobre o aborto clandestino no país. Já o segundo programa analisado¹³ foi exibido em 23 de

¹² <https://globoplay.globo.com/v/3727550/> ou <https://www.youtube.com/watch?v=Lz92n4nmvHY>

¹³ <https://globoplay.globo.com/v/6099676/>

agosto de 2017 e fala sobre as dificuldades que as mulheres brasileiras, que têm direito ao aborto legal, enfrentam no momento de interromper a gestação. Por fim, o terceiro episódio analisado¹⁴, exibido em 15 de agosto de 2018, estabelece um comparativo entre as leis do aborto no Brasil, na Argentina e no Uruguai.

¹⁴ <https://globoplay.globo.com/v/6948539/> ou <https://www.youtube.com/watch?v=RdS6kXTi03c&t=47s>

4 ANÁLISE DA MATERIALIDADE AUDIOVISUAL DO PROFESSÃO REPÓRTER

Para analisar o material selecionado anteriormente, recorreu-se à Análise da Materialidade Audiovisual, metodologia desenvolvida por Coutinho (2016) no âmbito do Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (CNPq-UFJF). O método sugere a análise simultânea de todos os componentes do vídeo (texto, som, imagem, tempo, edição), além da observação da relação entre todos os elementos, tornando possível a identificação de tendências e estilos do **Profissão Repórter**. A análise também propõe o estabelecimento de itens de avaliação a partir do marco teórico traçado.

Acredita-se que as interpretações de edições de programas jornalísticos ou de parte deles, de uma cobertura particular ou de séries de produtos de jornalismo audiovisual, em uma eventual perspectiva comparativa, não devem realizar operações de decomposição/ leitura, que descaracterizariam a forma de enunciação/ produção de sentido do telejornalismo. (COUTINHO, 2016, p. 10)

Para analisar os episódios do **Profissão Repórter**, a partir do método de análise da materialidade audiovisual, estabeleceu-se primeiramente os eixos de avaliação tomando como referência o problema da pesquisa, resultando na ficha de leitura e avaliação com os aspectos que pretende-se observar. O método propõe que, depois de estabelecer e testar a ficha de leitura e avaliação, a amostra a ser investigada seja definida levando em consideração a representatividade dos objetos de investigação, exaustividade, disponibilidade, pertinência, periodicidade do conteúdo avaliado. Após o cumprimento dessas etapas, é realizada a análise propriamente dita do material audiovisual.

Considerando o roteiro prescrito no método, a análise dos três episódios sobre aborto produzidos pelo **Profissão Repórter** foi realizada com base nas seguintes categorias e itens da ficha de leitura e avaliação:

1. Atores¹⁵: personagens, fontes de informação do programa, inserção das fontes, papel desempenhado pelas fontes, cenário e enquadramento das fontes e dos jornalistas, além da relação repórter-fonte.
2. Temas: assunto central do programa e linguagem utilizado pelo repórter.
3. Narrativas: angulações, interação das narrativas com a macro-história, presença de pontos de vistas conflituosos, tipos de conflitos narrativos e presença de moral da história.

¹⁵ Vale destacar que, ao falarmos de atores, não estamos nos referindo aos profissionais que interpretam e encenam, mas a todas as pessoas que compõem as narrativas reais apresentadas no **Profissão Repórter**.

4. Produção: tempo de duração do programa, qualidade da imagem e do som, vinheta e abertura, apresentação e postura do repórter durante a apuração, presença ou não de cinegrafista, enquadramento predominante, quantidade de blocos e diferenças entre eles, cortes e movimentações da câmera, inserção de artes e, por fim, interferências de Caco Barcellos durante o processo de apuração e edição.

A aplicação da ficha de leitura e avaliação se deu da seguinte forma: o primeiro episódio foi acessado e assistido na plataforma Globoplay e, durante a visualização do programa, anotações sobre os elementos que compõem o vídeo foram feitas pela pesquisadora. Depois, o episódio foi assistido novamente para confirmar as primeiras observações e anotações e, por fim, foi realizada análise com base na ficha de leitura e avaliação do episódio, apresentando os resultados. Em seguida, o mesmo processo foi aplicado, individualmente, ao segundo e ao terceiro episódios analisados.

Após a análise dos episódios, produziu-se a conclusão do trabalho, que conta com uma análise geral das estratégias e recursos narrativos do programa **Profissão Repórter**, a partir dos resultados obtidos durante a análise individual dos três episódios sobre aborto.

4.1 EPISÓDIO ABORTO CLANDESTINO EXIBIDO EM 28/10/2014:

Com 26 minutos de duração, o episódio “Aborto Clandestino” é o primeiro programa do **Profissão Repórter** sobre aborto que se tem registro e está disponível na plataforma Globoplay. O programa é iniciado com a vinheta do **Profissão Repórter**, que é exibida por três segundos, além de ser diferente da vinheta inserida no segundo e no terceiro episódios analisados. Nos dezesseis segundos seguintes, são inseridos trechos de telejornais da Rede Globo, em que são noticiadas as mortes de duas mulheres que cometeram aborto: Jandira Cruz e Elizângela Barbosa. Depois, há a inserção de um efeito de transição¹⁶ e, em seguida, entra uma chamada¹⁷ gravada em São Paulo pelo repórter Caco Barcellos. Barcellos diz: “O **Profissão Repórter** de hoje investigou o que leva uma mulher a fazer aborto clandestino.”

Depois da primeira participação de Caco Barcellos, são inseridos alguns trechos das reportagens que serão exibidas a seguir. Os **teasers**¹⁸ das reportagens intercalam com os

¹⁶ O efeito de transição inserido simula o comportamento de um programa de edição de vídeos, com contagem de tempo, nome do programa e um botão de **play**.

¹⁷ Chamadas são textos curtos que informam os destaques e têm como objetivo atrair a atenção do leitor, telespectador, usuário.

¹⁸ Neste caso, os **teasers** são os trechos principais das reportagens.

offs¹⁹ de Caco Barcellos, que faz uma escalada²⁰ do programa. Entre um **teaser** e outro, Barcellos diz: “Uma reportagem delicada”; “Como se aproximar de mulheres que fizeram aborto ilegal e têm medo de mostrar o rosto?”; “O documentário que mistura o relato de atrizes e de mulheres que fizeram aborto”; “O grupo de religiosas que pela internet tenta convencer as mulheres a não abortarem.”

Após a escalada, Barcellos aparece novamente em São Paulo e finaliza a abertura com o **slogan** do programa: “Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem: agora no **Profissão Repórter**”. Toda essa parte inicial do episódio é acompanhada de uma música instrumental de fundo que oscila entre melodias que sugerem drama e adrenalina.

A vinheta inicial é exibida por cinco segundos, resultado em um minuto e cinquenta e um segundos de abertura do episódio sobre aborto clandestino.

O início do primeiro bloco do episódio se localiza no estado do Rio de Janeiro com os repórteres Danielle França e Victor Ferreira. Com um texto que considero natural, espontâneo e de fácil entendimento, os repórteres gravaram a abertura das reportagens em uma calçada com pouca movimentação.

Figura 1 - Reprodução da tela do episódio Aborto Clandestino, exibido em 28/10/2014. Repórteres Daniella França e Victor Ferreira.



Acesso em 22/10/2018

¹⁹ **Offs** são os textos gravados pelo repórter, inseridos na matéria e coberto com imagens relacionadas.

²⁰ Escalada são as manchetes do telejornal, exibidas no início da edição.

Ambos os repórteres são enquadrados primeiramente em plano americano, no qual as figuras são filmadas do joelho para cima. Depois, a repórter Danielle França traz em seu texto oralizado dados sobre o aborto clandestino no estado do Rio de Janeiro e, enquanto isso, é enquadrada em primeiro plano, no qual a figura é filmada do peitoral para cima.

O Caso Jandira Cruz é o primeiro a ser apresentado. Jandira é uma jovem de 27 anos que morreu em decorrência de um aborto clandestino. Ela faleceu em uma clínica que, depois do ocorrido, foi alvo da maior operação realizada pela Polícia Civil, até então, contra clínicas de abortos clandestinos. A edição do programa mostra trechos da operação, uma arte gráfica com a foto, nome, sobrenome, idade e quantidade de filhos de Jandira, além de trechos de telejornais noticiando a morte da jovem.

Em seguida, a repórter Danielle França conta que pretende conversar com a irmã de Jandira e saber mais sobre o contexto familiar da jovem, além de investigar se o aborto é uma prática comum entre as amigas, vizinhas e familiares de Jandira.

Na rua, a repórter França aborda duas mulheres grávidas, Sara Bandeira e Adriana de Lima, que eram vizinhas de Jandira, e pergunta se elas conheciam a jovem, se elas têm amigas que fizeram aborto e se elas já fizeram ou tiveram vontade de fazer aborto.

Sara Bandeira conta que via Jandira passando pela rua para ir ao trabalho. Além disso, Bandeira, que no momento da reportagem tinha 25 anos e estava em sua segunda gestação, conta que conhece outras mulheres que já fizeram aborto e que ela também já cogitou realizar um procedimento abortivo. Já Adriana de Lima, com 23 anos na época da reportagem e também grávida pela segunda vez, disse: “Mas tirar nunca, nunca. Até se *vim* dez.”

Após a conversa com as duas jovens grávidas, a repórter Danielle França vai até a casa da família de Jandira. A mãe de Jandira se recusa a receber a equipe do programa, segundo Joyce dos Santos Viana, que é irmã de Jandira. Viana aceita conversar com a equipe e conta sobre os últimos momentos com a irmã, em que ela tentava convencer Jandira a não realizar o aborto. Viana também fala sobre os motivos que fizeram Jandira optar pelo aborto: o fato de já ter duas filhas, além do medo de perder o emprego. Após a sonora de Viana, a repórter Danielle França conta que a mãe de Jandira dará entrevista ao programa depois do enterro.

Depois da introdução ao Caso Jandira, o Caso Elizângela é introduzido. A introdução à nova narrativa se dá da mesma forma que a da narrativa anterior: são inseridos trechos dos telejornais da Rede Globo noticiando a morte de Elizângela, que faleceu aos 32 anos por conta de um aborto clandestino.

Danielle França, que também é responsável por cobrir o segundo caso, vai até o bairro de Elizângela e visita a residência em que a dona de casa morava, na tentativa de encontrar alguém que possa contar mais sobre o ocorrido. França conversa com Sirlene Silva dos Santos, amiga e vizinha de Elizângela. Dos Santos conta que Elizângela tinha três filhos e que havia cogitado realizar um aborto na primeira gestação, mas mudou de ideia depois de conversar com as vizinhas e amigas Sirlene e Socorro.

Em seguida, o repórter Victor Ferreira aparece sozinho pela primeira vez. Ferreira acompanha a Polícia Civil no cumprimento de quatro mandados de prisão de pessoas envolvidas no processo de aborto e, conseqüentemente, na morte de Elizângela.

O repórter acompanha a polícia até a casa de Wagner e Sheila, que são filhos da mulher apontada como a chefe do grupo: Lígia Maria Silva. Silva e os filhos moravam juntos, e os procedimentos abortivos eram realizados na residência deles.

Nenhum dos integrantes do grupo é encontrado em casa, mas os policiais aproveitam a oportunidade para mostrar para a equipe de reportagem o local em que os abortos eram realizados. O investigador da polícia Carlos Alberto Oliveira é quem guia a equipe do Profissão Repórter pela casa.

Depois, o repórter Ferreira vai à sala de Perícia Criminal da Divisão de Homicídios de Niterói e mostra o colchão em que Elizângela fez o aborto, além de outros objetos encontrados no local do crime. O delegado Adilson Palácio é quem mostra para o repórter Victor Ferreira os objetos apreendidos. “Dá só uma olhada aqui, Paulo”; disse Ferreira em direção à câmera.

Em seguida, Lígia Maria Silva se entrega e entra na delegacia com o rosto totalmente coberto, acompanhada de uma outra mulher, que parece ser a sua advogada e declara que Silva está extremamente abalada. Após o depoimento de Silva, há a confirmação de que ela é a chefe do grupo que realizava os abortos. O delegado Adilson Palácio conta que Silva explicou como o procedimento foi realizado, deu detalhes sobre o estado em que Elizângela foi encontrada e disse que o próximo passo é descobrir quais instrumentos foram utilizados no procedimento, já que Silva disse que nenhum instrumento foi utilizado no aborto. Tal discordância sugere que o caso ainda precisa ser mais investigado e pode contar com novos desdobramentos.

O programa volta para o Caso Jandira Cruz. A repórter Danielle França foi até o velório e enterro de Jandira, ocasião em que estava prevista a entrevista com a mãe dela, mas ela não compareceu por questões emocionais. Um dia após o enterro, a repórter França volta a Campo Grande para conhecer a casa em que Jandira morava. A irmã de Jandira, Viana, é

quem guia a equipe até a casa. Viana também mostra um vídeo de Jandira realizando uma brincadeira com o cunhado dois dias antes de falecer.

Maria Ângela dos Santos, mãe de Jandira, aceitou conversar com a repórter. Emocionada, Dos Santos conta que não estava bem para ir ao enterro, além de ter relatado como era a relação dela com a filha. Ao ser perguntada pela repórter França, Dos Santos conta que, aos 24 anos, também realizou um aborto, mesmo contra a sua vontade. “Se eu pudesse voltar atrás, talvez lutar, eu teria feito. Mas a gente vive às vezes debaixo do domínio do nosso marido, e é ele quem decide principalmente no meu tempo né”, declarou Dos Santos.

Logo após a entrevista com Dos Santos, o repórter Victor Ferreira e o mentor Caco Barcellos se encontram em um aeroporto em São Paulo. Ferreira conta a Barcellos que, em 2013, a Polícia Civil do Rio de Janeiro fez uma operação com o objetivo de identificar uma quadrilha que oferecia o serviço de aborto.

Figura 2 - Reprodução da tela do episódio Aborto Clandestino, exibido em 28/10/2014. Repórteres Caco Barcellos e Victor Ferreira.



Acesso em 22/10/2018

Em seguida, entra no ar um trecho de uma conversa entre uma agenciadora da quadrilha e uma grávida de gêmeos interessada no serviço. O repórter Ferreira conta que seis mulheres aguardavam em um ponto de encontro marcado pela quadrilha e, minutos antes de

realizar o procedimento, foram surpreendidas pela Polícia Civil do Rio de Janeiro. Imagens da operação são exibidas.

No aeroporto, Barcellos pergunta a Ferreira: “Você está indo atrás delas agora, dessas três mulheres para saber o que exatamente?”. Ferreira responde: “Saber quem conseguiu fazer depois, quem não fez, o que elas pensam sobre isso”. Barcellos aprova a ideia e complementa: “Dando continuidade à reportagem sobre essa realidade difícil, dura para quem deseja interromper a gravidez.”

Ferreira continua contando a Barcellos que já conseguiu encontrar duas das seis mulheres na internet. Uma teve um filho recentemente e, provavelmente, o filho que ela teve foi da gestação que ela pretendia abortar no ano anterior à reportagem.

Caco Barcellos questiona: “Você pretende contar a história mostrando a imagem delas ou não? Já pensou nisso?”. Ferreira responde: “Isso é complexo né? Porque é um assunto muito delicado, eu acho. A que não fez, se ela mostra o rosto na televisão, ela vai deixar registrado para a posteridade que em algum momento ela quis fazer um aborto. O filho dela vai crescer e pode ser que ele se depare com essa imagem”. Em seguida, Barcellos faz um comentário que não é possível escutar por completo: “... a criança hoje.”

Após a validação de seu procedimento com o mentor, Victor Ferreira vai atrás da mulher que teve um filho recentemente. Como o repórter não entrou em contato com a fonte anteriormente, ele não tem ciência se os familiares têm conhecimento de que a mulher tentou fazer um aborto. Por conta disso, ele vai até a casa dela apenas com um microfone de lapela²¹ para, pelo menos, registrar os diálogos iniciais. O repórter Ferreira foi recebido pelo marido da mulher. Ferreira se identificou como jornalista, mas não contou o porquê de estar ali.

Depois, Ferreira e Caco Barcellos conversam pelo telefone. Barcellos pergunta: “Então, Victor, como é que foi lá?”. Ferreira conta: “Eu passei por um momento de tensão ali porque ela estava no sofá amamentando, e o marido abriu a porta. E aí o marido dela queria... ‘quem são vocês’. Duas pessoas estranhas, que enfim eles não conhecem.”

Um trecho da conversa entre o repórter Ferreira e o marido da fonte procurada é inserido. Primeiramente, Victor Ferreira explica: “Não é uma denúncia. É só porque a gente quer contar as histórias que aconteceram lá num negócio que teve em dezembro. Mas como é algo muito particular, desculpa, eu não sei se... Eu não quero também”. O marido disse: “Entendi”.

²¹ Microfone pequeno e discreto, normalmente preso à roupa.

Ferreira e Barcellos voltam a conversar pelo telefone. Ferreira diz a Barcellos: “Em momento nenhum, eu poderia revelar para ele o que eu estava fazendo ali. Por que se ele não soubesse? Imagina. Eu ia violar o direito dela de não ter contado pro marido ou pra quem quer que seja. Ele já sabia da história toda.”

Ferreira continuou a conversa com Caco Barcellos, dando mais detalhes da entrevista com o casal que optou por não interromper a gestação. Como não são mostradas imagens ou áudios do casal conversando com o repórter, o espectador é levado a crer que o casal não autorizou a produção e veiculação de imagens e áudios, além de ter de confiar que o repórter realmente conversou com os dois. Claramente, Victor Ferreira teve de gerenciar um conflito de caráter ético e moral, já que ele não poderia desrespeitar o direito da mulher de, talvez, não ter compartilhado a tentativa de aborto com o seu marido, mesmo o depoimento dela sendo um material de extrema importância para a reportagem.

Depois de gerenciar esse conflito, o repórter conversou com uma outra mulher que também não conseguiu realizar o procedimento abortivo no dia da operação policial, realizada no ano anterior à reportagem. A mulher não é identificada, além de ter sido enquadrada em plano fechado e de costas para a câmera. Tal posicionamento dificulta o processo de identificação da fonte por parte dos telespectadores, mantendo a personagem o mais anônima possível.

Dessa forma, se dá o fim do primeiro bloco que durou 20 minutos. Em seguida, é inserida uma chamada para o próximo bloco. Novamente, **teasers** da segunda parte do programa são exibidos e intercalados com os **offs** de chamada de Caco Barcellos. Barcellos anuncia: “No próximo bloco, as religiosas que tentam convencer mulheres a desistir do aborto”; “E as mulheres que tiveram coragem de contar as suas histórias em um documentário”. A vinheta entra no ar e o programa vai para o intervalo comercial.

Após o fim do intervalo comercial, a vinheta do programa entra no ar. A próxima história é contada pelo repórter Guilherme Belarmino, que aparece na redação do programa, buscando por clínicas de aborto nas redes sociais. Guilherme conta que, após duas semanas de negociação, o grupo católico catarinense aceitou falar mais sobre a iniciativa de acolhimento às mulheres grávidas, para que elas não realizem o aborto. O repórter entrevista a voluntária Magdalena Chicon, que fala sobre os objetivos e o funcionamento do grupo.

Em seguida, uma mãe que está hospedada no abrigo aceita falar com a equipe do **Profissão Repórter**, mas sem se identificar. A nova personagem foi filmada em um ambiente bem escuro, teve o rosto embaçado e a voz distorcida. Tais recursos impedem que a fonte seja facilmente reconhecida pelos telespectadores.

Grávida do terceiro filho, a mulher contou que tentou interromper essa gestação por diversas vezes. A mulher também relatou que ela tinha um contato para realizar o procedimento, mas a pessoa estava presa. Quando perguntada pelo repórter quem seria o contato, a mulher responde: “Rose, Rosemere”. Por meio de **off**, o repórter informa que Rosemere foi apontada como a dona da clínica em que Jandira Cruz realizou o procedimento de aborto, estabelecendo uma conexão entre duas narrativas do episódio.

A mulher hospedada no abrigo contou que desistiu de realizar o aborto e aceitou ajuda do grupo católico. Quando perguntada pelo repórter se ela acha que tomou a decisão correta, a mulher responde: “Eu me pergunto se eu tomei, mas pelo fato de tentar prejudicá-lo. Eu não me achei digna de ficar com ele. Acho que ele merece uma família melhor.”

Depois, o repórter conta que o menino nasceu saudável, foi entregue ao juizado da infância e adotado por outra família.

No último caso do programa, o repórter Caco Barcellos conversa com a roteirista Renata Corrêa, responsável por um documentário sobre aborto. Entre uma pergunta e outra, trechos do documentário são exibidos, colaborando para que o telespectador visualize melhor o que tem sido conversado entre a roteirista e Caco Barcellos.

Após a entrevista, os créditos e a vinheta de encerramento entram no ar, acompanhados de trechos do documentário citado no programa. O segundo bloco teve duração de seis minutos, sendo três vezes menor que o primeiro bloco.

Considerando a ficha de leitura e avaliação criada para analisar os episódios do **Profissão Repórter**, é possível chegar às seguintes conclusões sobre o programa **Aborto Clandestino**: durante o episódio, temos as seguintes narrativas: a morte de Jandira Cruz, que teve o corpo carbonizado encontrado 27 dias depois de realizar o aborto; a morte de Elizângela Barbosa também em decorrência de um aborto; o grupo católico catarinense que apoia mulheres grávidas para que elas não interrompam a gravidez e o documentário brasileiro que conta as histórias de mulheres que realizaram o aborto. Todas as narrativas estão diretamente relacionadas com o assunto central do programa, o aborto clandestino, sendo que duas narrativas focam nas consequências dolorosas do aborto; uma se atém a possível mudança de ideia das mulheres que querem abortar, a partir do momento que elas encontram apoio religioso e outra traz uma visão mais crítica da situação, tratando o aborto não só como um procedimento, mas como uma questão que envolve profundas discussões sociais e políticas.

As duas primeiras narrativas podem ser consideradas as mais relevantes por terem acontecido próximas à data de exibição do programa e por terem sido noticiadas

nacionalmente, o que justifica o posicionamento do Caso Jandira e do Caso Elizângela no primeiro bloco. Já as duas últimas narrativas têm um caráter menos noticioso e mais reflexivo, o que pode justificar a exibição dessas histórias nos minutos finais do programa.

As fontes que aparecem na edição foram procuradas pelos próprios repórteres, sendo que apenas a mãe de Jandira Cruz apresentou resistência para conversar com a repórter Danielle França, mas depois optou por ser entrevistada. As fontes consultadas foram essenciais para enriquecer as reportagens com detalhes sobre as motivações para realizar um aborto, o que confere credibilidade ao programa e causa empatia ao telespectador, principalmente porque a maioria das pessoas entrevistadas mostrou o rosto e foi identificada. No entanto, também nota-se uma preocupação do programa em preservar a identidade das fontes que assim preferiram.

Tanto as fontes que foram identificadas quanto as não identificadas foram entrevistadas em cenários indiciais. Por exemplo: o cenário em que a irmã de Jandira foi entrevistada sugere que a gravação foi realizada na casa da fonte. Outro exemplo: a repórter Danielle França estava em busca de pessoas que conhecessem Jandira e foi até o bairro em que ela morava. No caminho, encontrou duas mulheres que eram vizinhas de Jandira, o que indica que provavelmente as mulheres moravam na rua em que a entrevista ocorreu ou muito perto.

Além das fontes de informação, os repórteres Danielle França, Victor Ferreira, Guilherme Belarmino e Caco Barcellos também podem ser considerados personagens das narrativas retratadas, já que a atenção dada à figura do repórter no **Profissão Repórter** é relativamente maior, se comparado a outros programas jornalísticos. Como os jornalistas são responsáveis por gerenciar os conflitos e agirem para que o enredo se desenvolva, podemos tê-los como protagonistas da macro-história, mas considerando que as quatro narrativas presentes no programa aconteceriam independente da ação dos jornalistas. Portanto, cabe debater se o **Profissão Repórter** é único quando o assunto é colocar o jornalista como protagonista nas grandes reportagens ou se o programa global hiperboliza características já comuns e presentes em programas jornalísticos investigativos, como o **Conexão Repórter**²², do SBT, e o **Repórter Record Investigação**²³, da Rede Record.

O episódio Aborto Clandestino não conta com uma lição de moral clara, mas dá elementos suficientes para que o telespectador reflita sobre os perigos do aborto clandestino e tire as próprias conclusões sobre a temática.

²² <https://m.sbt.com.br/jornalismo/conexaoreporter/>

²³ <http://recordtv.r7.com/reporter-record-investigacao>

Os repórteres Daniella França e Victor Ferreira ficaram responsáveis por cobrir as narrativas consideradas mais polêmicas. Durante a apuração, os repórteres são cuidadosos com os termos utilizados e usam uma linguagem que considero acessível e de fácil entendimento, deixando as fontes confortáveis para relatarem as suas experiências e as experiências de pessoas próximas.

Um outro recurso que confere dinamicidade ao episódio também foi notado: o uso de cortes acompanhados por uma transição animada e sonorizada. Tal efeito de transição sugere movimento, sinalizando para o telespectador que haverá mudança ou retomada de narrativa, além de sugerir que todas as narrativas foram apuradas simultaneamente.

Além disso, a inserção de artes gráficas durante as reportagens também foi observada como um recurso utilizado para complementar as informações dadas por meio de texto em **off**, ilustrar dados e facilitar o processo de compreensão do telespectador.

Por fim, o episódio Aborto Clandestino contou com imagens e sons de boa qualidade, apesar de em um raro momento ter sido difícil escutar o comentário de Caco Barcellos, durante a conversa no aeroporto com o repórter Victor Ferreira. Notou-se também que, durante o processo de apuração e gravação das reportagens, todos os repórteres estavam acompanhados de cinegrafista.

Quanto à cinegrafia, o responsável enquadrava as figuras presentes de diversas formas, sendo os planos médio, fechado, americano, primeiro plano e meio primeiro plano os mais recorrentes, ou seja, os planos que privilegiam a curta distância entre a câmera e as figuras filmadas foram mais utilizados. Quanto aos ângulos, a maioria das personagens foi filmada em ângulo normal e lado 3/4, ou seja, a câmera e o nariz da figura filmada formavam um ângulo de aproximadamente 45°.

Após a análise do primeiro episódio sobre a temática do aborto, o segundo episódio intitulado “Sofrimento para Abortar” teve suas estratégias narrativas observadas e comparadas com a atual análise.

4.2 EPISÓDIO SOFRIMENTO PARA ABORTAR EXIBIDO EM 23/08/2017:

Com 35 minutos de duração, o episódio “Sofrimento para Abortar” é o segundo programa do **Profissão Repórter** sobre aborto que se tem registro e está disponível na plataforma Globoplay. O programa é iniciado com a vinheta do **Profissão Repórter**, que é exibida por dois segundos, além de ser diferente da vinheta exibida no primeiro e no terceiro episódios analisados. Nos dezenove segundos seguintes, são inseridos trechos das entrevistas

que serão exibidas a seguir. Entre um trecho e outro, um efeito de transição que remete a um obturador de câmera abrindo e fechando é inserido. A movimentação do obturador é sugerida por meio de áudio e vídeo.

Em seguida, o repórter Caco Barcellos aparece na sala de redação do programa em São Paulo e faz uma chamada com o seguinte texto: “A equipe do **Profissão Repórter** investigou como é atendida a mulher que tem direito a fazer um aborto no Brasil.”

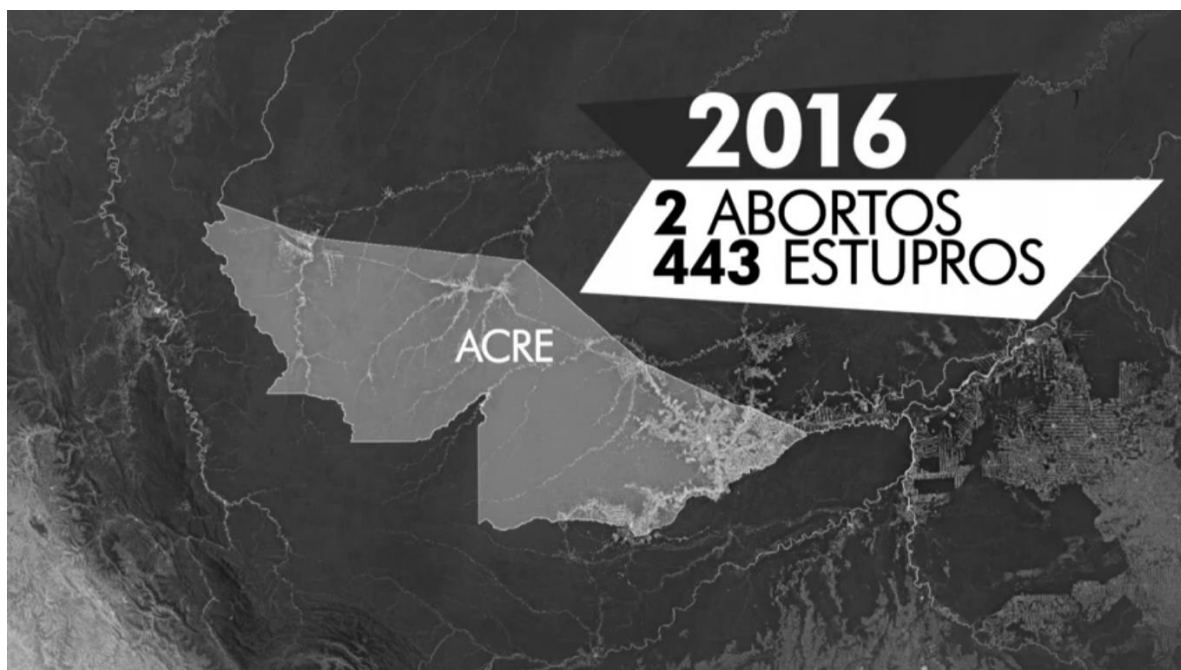
Novamente, são inseridos trechos das reportagens que serão exibidas nos próximos minutos. Assim como no episódio “Aborto Clandestino”, analisado na seção secundária anterior, os **teasers** das reportagens intercalam com os **offs** de Caco Barcellos, que faz uma escalada do episódio Sofrimento para Abortar. Nos **offs**, Barcellos diz: “A falta de informação no serviço público”; “Denise estava grávida de um bebê anencéfalo. A autorização, desnecessária, chegou tarde demais”; “A associação que tenta convencer a grávida a não abortar”; “O hospital que atende mulheres de quatro estados”. Toda essa parte do programa é acompanhada de uma música instrumental de fundo que sugere drama.

Ao fim da escalada, Barcellos aparece novamente na sala de redação do programa e finaliza a abertura com a frase de efeito: “Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem: agora no **Profissão Repórter**”. Em seguida, a vinheta de abertura entra no ar. Vinheta esta que é mais dinâmica e possui mais recursos gráficos e animados que a vinheta do episódio “Aborto Clandestino” (GLOBOPLAY, 2014).

Depois de dois minutos e dezenove segundos de abertura, o primeiro bloco do programa é iniciado. A repórter Mayara Teixeira, que também aparece cinegrafando, está em Rio Branco, município do Acre, acompanhada da repórter convidada Marcelle Souza. Marcelle Souza é apresentada como repórter da Revista Galileu, um produto informativo impresso da Editora Globo.

Após a apresentação da convidada, a repórter Mayara Teixeira explica o motivo da equipe do **Profissão Repórter** estar no Acre. Com um texto visivelmente não ensaiado e natural, Teixeira e Souza contam, dentro do carro em movimento, que pretendem investigar a quantidade de abortos legais que são realizados no estado. Souza também informa que descobriu que o Acre, apesar de ser o estado brasileiro com maior proporção de estupros, quase não realiza abortos legais. Para explicar melhor a situação a ser investigada, é inserido um mapa animado, que seleciona a região do Acre e insere as seguintes informações: “2016”; “2 abortos”; “443 estupros”. Os dados mostrados revelam que a incidência de estupros no Acre é cinco vezes maior que a média nacional.

Figura 3 – Reprodução da tela do episódio Sofrimento para Abortar, exibido em 23/08/2017. Arte gráfica exibida durante a reportagem.



Acesso em 22/10/2018

A repórter convidada está usando um microfone escondido e vai ao Hospital Santa Juliana, sem se identificar como profissional do jornalismo. A repórter Marcelle Souza chega até a recepção do hospital e diz: “Estou querendo saber informações sobre aborto. Situação de estupro.” A recepcionista responde: “Pelo SUS, o único atendimento a grávida é com nove meses, já em trabalho de parto. Já foi na maternidade? Que eu saiba, é só lá.”

Em seguida, a repórter Souza vai ao Hospital de Urgência e Emergência de Rio Branco (Huerb) para também solicitar informações sobre o procedimento de aborto legal. A pessoa que a atende no Huerb diz: “É você?”. A repórter conta que não. “É na maternidade, meu amor”, explica a atendente.

Depois de passar por dois hospitais, a repórter vai até a Maternidade Bárbara Heliadora, recomendada pelas atendentes dos hospitais consultados. Na maternidade, o atendente explica que, em caso de aborto legal de uma mulher estuprada, a equipe da maternidade aciona a vigilância e que a própria vigilância realiza a pré-consulta e o acompanhamento do caso.

Vale destacar que nenhum dos profissionais que conversaram com a repórter convidada, nos hospitais e na maternidade, tiveram seus rostos filmados ou foram identificados por meio de gerador de caracteres.

Em seguida, por meio de **off** coberto por um recorte da lei brasileira do aborto, a repórter Mayara Teixeira explica que, no Brasil, o aborto legal só é permitido nos seguintes casos: se a gestante estiver correndo risco de morte, se a gravidez for resultado de um estupro ou se o feto for anencéfalo, ou seja, tem uma má formação cerebral grave.

Depois, as repórteres vão até o Centro de Referência de Assistência Social, mas só Marcelle Souza entra, como nas últimas três abordagens. A profissional do centro conta que para realizar o procedimento é necessário procurar a delegacia, porque o aborto é autorizado mediante determinação judicial.

Por meio de **off** coberto por um recorte da “Norma Técnica de Prevenção e Tratamento dos Agravos Resultantes da Violência Sexual Contra Mulheres e Adolescentes”, a repórter Mayara Teixeira explica que, segundo o manual, a lei brasileira do aborto não exige autorização judicial, boletim de ocorrência ou laudo do Instituto Médico Legal (IML) para realizar o procedimento. Com isso, há um conflito de informações entre o que é informado pela portaria do Ministério da Saúde e o que é feito pelos hospitais do Acre. As repórteres conversam sobre esse desencontro de informações, enquanto se dirigem à Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM).

Um efeito de transição sonorizado é exibido por quase dois segundos, indicando para o telespectador que uma nova narrativa será explorada. Em uma estrada e dentro de um carro em movimento, a repórter Nathalia Tavolieri faz a abertura da segunda reportagem, acompanhada do técnico Maicon. Tavolieri e equipe estão em Teresina, capital do estado do Piauí, para conversar com uma menina, com 20 anos no momento da reportagem, que fez um aborto legal em julho de 2017, ou seja, um mês antes da reportagem ir ao ar.

A repórter, que também está cinegrafando, conversa com a menina e com a mãe, filmando-as do joelho para baixo, dificultando o processo de identificação das fontes, que também não têm os nomes revelados. Apesar de enquadrada durante a filmagem, a menina que realizou o aborto por conta de uma gravidez resultante de um estupro não fala. A mãe conta que a jovem, assim como os outros filhos, possui deficiências mentais.

Em seguida, Tavolieri vai à Maternidade Dona Evangelina Rosa para descobrir quais são os passos necessários para realizar o aborto legal na maternidade. A repórter conversa com a coordenadora de atendimento Maria Castelo Branco. Conversando com a coordenadora, Tavolieri descobre que na maternidade, entre janeiro e julho de 2017, 274 meninas denunciaram um episódio de estupro e foram atendidas na instituição. A coordenadora também conta que, de 2004 a 2017, foram 4.336 denúncias e atendimentos.

Para facilitar a apreensão das informações, os dados também são inseridos e exibidos em arte gráfica.

Maria Castelo Branco acrescenta que 10% das meninas estupradas denunciam o ocorrido, sugerindo que os dados apresentados anteriormente são inferiores aos números reais de meninas estupradas. Castelo Branco também conta à reportagem que dos 274 estupros registrados em Teresina, de janeiro até julho de 2017, 11 acarretaram em gravidez. Das 11, apenas duas gestantes eram maiores de idade. Castelo Branco também explica que, normalmente, os agressores são pessoas próximas à vítima, como namorado, tio, vizinho, irmão, padrasto, cunhado.

A vinheta de transição é exibida novamente, indicando mudança ou retomada de narrativa. A reportagem volta para Rio Branco, município em que as repórteres Mayara Teixeira e Marcelle Souza estão. Antes, um pequeno trecho da reportagem delas veiculado na primeira aparição é exibido, com o objetivo de relembrar o telespectador. O efeito sépia²⁴ é aplicado nas imagens, sugerindo ao telespectador que se trata de algo que está no passado.

Em seguida, as repórteres aparecem na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), intenção anunciada no fim da primeira aparição delas. Vale destacar que as repórteres não estão vestidas com as mesmas roupas que estavam nas primeiras aparições, sugerindo que esta parte da apuração foi realizada em outro momento. Primeiro, elas conversam informalmente com uma mulher, que não é identificada, que informa que é necessário fazer uma ocorrência, conversar com a delegada e aguardar a autorização judicial para realizar o aborto legal. Novamente, por meio de **off**, a repórter Teixeira esclarece que, segundo o Ministério da Saúde, não é necessário autorização judicial, boletim de ocorrência ou laudo. Depois, elas se dirigem ao gabinete da delegada Kelcinaia de Mesquista. A repórter Teixeira faz perguntas para a delegada e cinegrafa, e a repórter Souza faz perguntas e segura o microfone para a delegada.

A delegada explica que o boletim de ocorrência é necessário, caso a vítima esteja grávida e queira realizar um aborto, divergindo da legislação federal. Tal divergência é colocada em evidências pelas repórteres.

Depois, a repórter Teixeira conta, por meio de **off** coberto por um recorte de uma entrevista escrita, que a Secretaria de Estado de Saúde do Acre (Sesacre) informou que reforçará as ações de capacitação dos funcionários para evitar a burocratização detectada pelas repórteres. Ainda por meio de **off**, a repórter contou que a Secretaria Municipal de

²⁴ O sépia é uma cor marrom-avermelhado presente em fotografias impressas que sofreram o efeito do tempo e envelheceram.

Cidadania e Assistência Social de Rio Branco se comprometeu a proceder uma reciclagem com todos os profissionais.

Figura 4 – Reprodução da tela do episódio Sofrimento para Abortar, exibido em 23/08/2017. Repórter Mayara Teixeira entrevista e cinegrafa.



Acesso em 22/10/2018

As repórteres aparecem novamente na Maternidade Bárbara Heliodora, local que já apareceu na primeira parte da reportagem delas, tanto que elas aparecem vestindo a mesma roupa que vestiam na primeira vez que a maternidade de Rio Branco foi mostrada no programa.

Na maternidade, a repórter Souza conversa com o coordenador de vigilância epidemiológica Alexandre Aguiar, que explica o funcionamento do processo para realizar um aborto legal. Em 2016, a maternidade atendeu 248 vítimas de violência sexual, sendo que destas 122 estavam grávidas e apenas duas realizaram aborto.

A repórter Souza conversa com a ginecologista Julia Santos Gargin, que explica o baixo número de abortos legais, apesar do número considerável de meninas grávidas após um episódio de estupro. A médica explica que os números podem ser consequência da desinformação por parte das meninas e das famílias, além de esclarecer que o aborto legal é permitido até a 22ª semana de gestação ou com o feto pesando até 500 gramas, sendo o peso o fator mais crucial.

Quando questionada sobre o impacto na saúde pública, no caso da legalização do aborto no Brasil, a médica opina: “Eu acho que muda muito pouco, porque todas as mulheres que querem abortar elas conseguem, seja em casa com pílulas né...”

Em seguida, as repórteres conversam com uma enfermeira da maternidade, Valdete Araújo Couto, que esclarece no Brasil não é possível comprar pílulas abortivas, no entanto, nas fronteiras do país sim.

De carro, as repórteres cruzam a fronteira e chegam à cidade boliviana Cobija. A repórter Souza simula a compra de pílulas abortivas em cinco farmácias bolivianas. Marcelle Souza entra nos estabelecimentos usando um microfone escondido, enquanto a equipe aguarda na rua. Das cinco farmácias consultadas, três vendem o remédio abortivo sem a apresentação de receita médica.

A vinheta de transição é inserida, indicando mudança de narrativa. A repórter Nathalia Tavolieri retoma a apuração e conversa com uma nova fonte na cidade de Teresina. Tavolieri conversa com uma jovem que tinha 18 anos no momento da reportagem e era mãe de uma criança de 2 anos e 10 meses. A jovem é filmada do pescoço para baixo e não é identificada por meio de gerador de caracteres, a fim de dificultar a identificação da entrevistada por parte do telespectador. A entrevistada não se encaixa em nenhuma das condições que permite o aborto no país, mas já realizou um procedimento abortivo quando engravidou pela segunda vez e se deparou com a falta de apoio familiar e condições financeiras para criar mais uma criança, além de ter sido ameaçada pelo pai da criança que insistiu para que a gravidez fosse interrompida.

A jovem realizou o aborto com cinco meses de gestação, uma semana antes de ser entrevistada pela equipe do **Profissão Repórter**. A entrevistada conta detalhes do procedimento e, em seguida, revela que o feto foi descartado no lixo. A jovem chora, enquanto a repórter Tavolieri se mostra visivelmente comovida com a situação. Em seguida, a entrevistada conta que, depois de realizar o aborto, passou mal e procurou o hospital, por conta de uma grave infecção no sangue.

Após a entrevista, a repórter Nathalia Tavolieri se encontra em uma rua movimentada, aparentemente em São Paulo, com o mentor Caco Barcellos. Barcellos diz: “Nathalia, sabendo das circunstâncias extremamente delicadas dessa história, eu imagino que você tenha ficado muito tempo nas ruas, na frente dos hospitais, até encontrar essa moça. Como é que foi? Como é que você conseguiu?”. Tavolieri explica: “Eu conversei com muitas enfermeiras, algumas médicas, residentes para ver se eu conseguia assim chegar num caso de alguma menina que tivesse provocado algum aborto e tivesse passado mal, que é o caso mais

comum na verdade né. Acontece muito”. Barcellos questiona: “Você queria então uma história que sintetizasse essa realidade?”. Tavolieri responde: “Exatamente. Foi muito difícil encontrar, porque eu não tinha o endereço exato, eu sabia o nome da menina e rua assim. E aí eu fiquei perguntando, de casa em casa. Barcellos fica surpreso com o trabalho minucioso da repórter, que conta que a história da jovem é muito importante para auxiliar outras meninas que estão passando por situações similares.

Para confirmar o quão perigoso é realizar um aborto ilegal, a repórter informa por meio de **off** que quatro mulheres morrem por dia em consequência de abortos.

Em seguida, Tavolieri vai até a casa da assistente social Irotilde Gonçalves, que explica que, quando optam por abortar ilegalmente, as mulheres pobres correm mais riscos por se submeterem a métodos cruéis, mais perigosos e mais baratos.

A vinheta de transição de narrativa é inserida novamente. Em Campinas, município do interior de São Paulo, a repórter Eliane Scardovelli conversa com uma grávida de sete meses, que não quer ficar com o bebê, e foi acolhida por uma assistente social. A repórter Scardovelli também está cinegrafando e esclarece para a grávida que o rosto dela não aparecerá.

A fonte conta que foi violentada por um homem próximo e, portanto, a gravidez é indesejada. A jovem tinha 22 anos na época da reportagem e conta que foi dopada antes de sofrer o abuso. Questionada pela repórter, a mulher revelou que cogitou denunciar o estupro, mas não o fez por conta da possível repercussão que o caso teria na cidade em que morava.

Depois, Scardovelli entrevista a assistente social Vera Ragazzi, que pertence a uma associação cristã e abrigou a jovem em casa. Ragazzi conta que o seu trabalho é voluntário e que, enquanto cristã, ela se sente na obrigação de acolher pessoas em situação de risco, principalmente mulheres.

Em seguida, a repórter vai pessoalmente conhecer a associação a que Ragazzi pertence. Na organização, Scardovelli conversa com a coordenadora da iniciativa Ana Ariel. Ariel conta que o apoio emocional adequado pode evitar que mulheres recorram ao aborto ilegal.

A vinheta de transição é exibida, e o programa volta com as repórteres Mayara Teixeira e Marcelle Souza, que vão até Xapuri, município do interior do estado do Acre. Teixeira conversa com a trabalhadora rural Leísa Souza Soares, que tinha 16 anos na época da reportagem. A jovem mostra a caderneta de gestante dela, além da caderneta de vacinação, certidão de nascimento, certidão de óbito e as roupas da sua filha.

Figura 5 – Reprodução da tela do episódio Sofrimento para Abortar, exibido em 23/08/2017. Leísa Souza Soares, uma das poucas fontes que mostraram o rosto na reportagem.



Acesso em 22/10/2018

Soares conta que o seu bebê era anencéfalo e que a má formação foi descoberta no quinto mês de gestação. No entanto, o médico dela havia dito que ela só poderia realizar o aborto legal mediante autorização judicial. Novamente por meio de **off**, a repórter Teixeira reforça que a legislação brasileira não exige a autorização judicial.

A jovem recebeu a autorização apenas no oitavo mês de gestação, quando ela e o marido já haviam desistido de realizar o procedimento. A entrevistada conta que, se tivesse realizado o aborto, a perda teria sido menos dolorosa. Visivelmente emocionada, Soares finaliza dizendo que ainda não pensou na possibilidade de ter outros filhos.

Após a entrevista com a trabalhadora rural, as repórteres conversam com o juiz responsável pelo caso, Luis Gustavo Alcaide. O juiz explica que há falta conscientização por parte da classe médica de todo o país. Alcaide também esclarece que é responsabilidade do conselho de classe julgar a atitude do médico que se recusou a interromper a gravidez de Laíse Souza Soares. Em nota, o Conselho Regional de Medicina do Acre (CRM-AC) disse que não há nenhuma investigação nesse aspecto, já que um caso só é investigado quando há uma denúncia.

Depois da apresentação da nota, a repórter Marcelle Souza aparece em frente ao consultório do médico Jean Alécio, que atendeu Laíse Souza Soares e exigiu uma autorização

judicial sem necessidade. A repórter se depara com o consultório totalmente trancado e não tem suas chamadas telefônicas atendidas.

Novamente, a vinheta de transição é inserida, e o programa volta com a repórter Nathalia Tavolieri, que aparece novamente em Teresina. A repórter volta à Maternidade Dona Evangelina Rosa, a maternidade que mais realiza abortos legais no estado do Piauí.

Tavolieri conversa com uma menina de 12 anos que estava grávida de um primo mais velho. Apenas os pés da menina são filmados. A adolescente estava acompanhada da mãe e já havia sido atendida pela assistente social e pela psicóloga.

Em seguida, a repórter conversa com a médica legista Cleicileine Gomes Pires, que esclarece que meninas menores de 14 anos têm direito a abortar, mesmo que a relação tenha sido consensual, pois, segundo a legislação, as relações sexuais com menores de 14 anos são configuradas como estupro de vulnerável. A adolescente de 12 anos se enquadra nesta situação explicada pela médica. Dois dias depois, a adolescente volta à maternidade com a mãe e com duas tias, que servirão como testemunha da decisão, para assinar os termos de compromisso.

O episódio retoma a apuração com a repórter Eliane Scardovelli. Um trecho da ida da repórter à associação cristã de acolhimento é exibido novamente, com o objetivo de relembrar o telespectador e reforçar a retomada de narrativa. Scardovelli conversa com a dona de casa Valdinéia Brito, grávida de seis meses na época da reportagem. A dona de casa cogitou realizar um aborto, mas desistiu. Ela optou por aceitar o apoio da associação cristã antes, durante e depois do nascimento de seu filho. Scardovelli conversa novamente com a coordenadora da organização não-governamental (ONG) Ana Ariel, que é contra o aborto mesmo em casos de estupro.

A repórter aparece novamente conversando com a mulher que foi acolhida temporariamente por Vera Ragazzi. A mulher conta que chegou a consultar uma advogada para tentar realizar um aborto legal, mas foi desestimulada pela profissional por conta da dificuldade de conseguir a autorização judicial. A mulher também conta que, após o parto, o filho será entregue para a adoção. Vale destacar que a entrevistada já havia dito anteriormente que a gravidez dela foi resultado de um estupro, portanto, ela teria direito ao aborto legal, segundo a legislação brasileira.

Dessa forma, se dá o fim do primeiro bloco que durou 30 minutos. Em seguida, são inseridos trechos do próximo bloco, e Caco Barcellos faz uma chamada com o seguinte texto: “No próximo bloco: o caso da adolescente surda que, por lei, também poderia fazer um aborto”. A vinheta do programa entra no ar, indicando intervalo comercial.

Após o fim do intervalo comercial, a vinheta do programa entra no ar novamente, dando início ao segundo bloco. A repórter Nathalia Tavolieri conversa com uma adolescente de 11 anos que, apesar de não menstruar, já ovulava e estava suscetível a uma gravidez. A adolescente contou que a mãe desconfiou da gravidez, por conta de alterações no corpo. Depois, a menina realizou um teste de farmácia que confirmou a gestação.

Assim que a gestação foi descoberta, a menina e a mãe foram até a Maternidade Dona Evangelina Rosa, em Teresina, para realizar os exames e constatar oficialmente a gravidez. A mãe da adolescente conta que a menina foi violentada pelo padrasto. A mãe também relatou que o padrasto foi preso e, no dia seguinte, cometeu suicídio. Emocionada, a adolescente revela que o padrasto a ameaçou, dizendo que mataria ela e a mãe, caso ela contasse sobre o estupro.

Quando a família da garota procurou o serviço de aborto da maternidade, já não era mais possível realizar o procedimento, já que a menina estava grávida de seis meses. No momento da entrevista, o bebê estava com três meses de idade. A garota, o bebê e nem a mãe tiveram seus rostos filmados ou foram identificados por meio de gerador de caracteres.

A vinheta de transição entra no ar, e o programa volta com as repórteres Mayara Teixeira e Marcelle Souza, que permanecem no estado do Acre. Teixeira e Souza vão até a cidade de Brasília para conversar com o juiz que recebeu o caso de uma menina que foi estuprada pelo pai e realizou um pedido para realizar um aborto legal. O juiz Clovis Lodi conta detalhes do caso e destaca que a vítima é surda. O juiz também revela que a guarda da menina foi dada a uma tia. Quando perguntada pela repórter Souza, a tia revela que a menina queria interromper a gravidez, mas que ela não sabia que o procedimento poderia ser realizado sem apresentar nenhum documento.

A repórter tenta se comunicar com a adolescente, que está grávida de oito meses. Por meio de **off**, a repórter Teixeira conta que a autorização judicial foi concedida a menina, um mês depois de ter sido solicitada, e que o feto já pesava mais de 500 gramas na época, impedindo que o aborto fosse realizado.

Sobre o caso, a repórter Marcelle Souza questiona o juiz Clovis Lodi: “Por que uma menina dessas, quando chega ao hospital, não consegue ter o seu direito já garantido por lei?”. O juiz responde: “Os médicos, creio que na maioria, por resguardo e por cautela, preferem uma ordem judicial determinando o aborto.”

Em nota, o CRM-AC esclarece que todos os médicos têm acesso às resoluções do Conselho Federal de Medicina, mas que vai providenciar o reforço junto aos médicos do estado, apesar de não ver necessidade. Após a exibição de um trecho da nota de

esclarecimento, os créditos e a vinheta de encerramento entram no ar, acompanhados de trechos de depoimentos das fontes que apareceram no programa. O segundo bloco teve duração de 5 minutos, sendo seis vezes menor que o primeiro bloco.

Considerando a ficha de leitura e avaliação criada para analisar os episódios do **Profissão Repórter**, é possível chegar às seguintes conclusões sobre o programa Sofrimento para Abortar: quanto aos atores, temos as meninas que fizeram ou tinham o objetivo de fazer o aborto; os responsáveis por essas meninas; os profissionais da saúde; assistentes sociais; delegados e juízes; a coordenadora da associação cristã. Essas pessoas, além de serem atores e atrizes das narrativas, também são as fontes de informação da reportagem. As quatro repórteres (Mayara Teixeira, Marcelle Souza, Nathalia Tavolieri e Eliane Scardovelli) e o mentor Caco Barcellos também podem ser tidos como atores das narrativas.

Além de recorrer às fontes oficiais²⁵, primárias²⁶ e testemunhais²⁷; durante a reportagem nota-se o emprego de fontes documentais. Os documentos oficiais sobre a lei brasileira do aborto contribuem com a construção do conteúdo narrativo, dando insumos para que as jornalistas confrontem as informações que são repassadas pelas fontes oficiais, primárias e testemunhais.

As histórias contadas são extremamente delicadas, o que pode causar desconforto no telespectador, apesar de informá-lo e emocioná-lo. Por conta do assunto e do fato de muitas fontes serem menores de idade, nenhuma das meninas que realizaram ou pretendiam realizar o aborto legal foram identificadas ou tiveram seu rosto filmado; exceto a produtora rural Leísa Souza Soares que deu a luz a um bebê anencéfalo.

As entrevistas foram realizadas em cenários relacionados ao assunto: hospitais, maternidades, delegacias e casas das pessoas entrevistadas.

Quanto ao tema: a dificuldade enfrentada pelas meninas e mulheres que têm o direito de realizar o aborto legal, mas se deparam com a desinformação dos profissionais da saúde, que burocratizam o procedimento, é o assunto central do episódio. Tal ponto de vista conflituoso, entre o que é apresentado pela legislação e o que é realizado na prática pela comunidade médica e jurídica, é explorado durante todo o programa. Por se tratar de um tema delicado, é possível notar um cuidado por parte das repórteres ao conversar com as entrevistadas. Também foi observado o domínio das leis e portarias sobre o aborto legal por parte das jornalistas. Tal domínio do assunto permitiu que as jornalistas tivessem insumos

²⁵ Estão ligadas ao Estado, à empresas ou organizações.

²⁶ Estão diretamente ligadas à narrativa e fornecem dados, versões, fatos e opiniões.

²⁷ Presenciaram o acontecimento noticiado.

suficientes para refutar as informações que eram repassadas pelos profissionais da saúde. Notou-se também que todas as reportagens foram conduzidas por mulheres, talvez, pelo fato do programa tocar em temáticas polêmicas, como aborto, estupro, traumas e, conseqüentemente, as fontes se sentirem mais à vontade na presença de outras mulheres. A escolha das repórteres pode ser tida como uma estratégia narrativa, pois favorece o processo de identificação e reconhecimento entre repórter e fonte e, conseqüentemente, entre as telespectadoras.

Quanto às narrativas: durante o episódio Sofrimento para Abortar, temos as seguintes narrativas: a desinformação e a burocracia para realizar um aborto legal no estado do Acre; a menina de 20 anos, deficiente mental, que realizou um aborto legal na Maternidade Dona Evangelina Rosa, em Teresina; a adolescente de 18 anos que fez um aborto ilegal em Teresina e teve complicações; a mulher de 22 anos, que ficou grávida após um estupro, e foi acolhida por uma associação cristã em Campinas; a adolescente Leísa Souza Soares que teve um bebê anencéfalo e recebeu uma autorização judicial tardia para realizar o aborto; a menina de 12 anos que engravidou de um primo mais velho e deu entrada no pedido de um aborto legal na Maternidade Dona Evangelina Rosa; a adolescente de 11 anos, violentada pelo padrasto, que engravidou, mas não conseguiu realizar o aborto legal porque a gravidez já estava avançada; e a menina surda que foi estuprada pelo pai, realizou um pedido para fazer um aborto legal, mas não conseguiu realizar o procedimento por conta da autorização judicial tardia, em Brasília.

Todas as narrativas estão diretamente relacionadas com o assunto central do programa, que é a dificuldade para realizar o aborto legal, mesmo tendo direito ao procedimento. O programa aborda o tema, inserido três situações possíveis: mulheres que não conseguiram realizar o aborto legal mesmo tendo o direito de fazê-lo; mulheres que conseguiram realizar o aborto legal e mulheres que não têm direito ao aborto legal e recorrem a métodos ilegais e perigosos para interromper a gestação. Cada uma das histórias contadas no programa se encaixa em uma das três situações pontuadas anteriormente. Neste episódio, há em comum o fato do aborto ser tratado nas reportagens como uma importante questão de saúde pública.

O episódio Sofrimento para Abortar apresenta uma moral da história clara: a de que a desinformação sobre a lei brasileira do aborto pode impedir que muitas meninas e mulheres se beneficiem deste direito, em casos de gravidez por conta de um estupro, gravidez que coloque a vida da mãe em risco ou gravidez de bebê anencéfalo. A edição do programa

também sugere que o papel de estar ciente da legislação não é apenas das equipes médicas e jurídicas, mas de toda a sociedade.

Por fim, quanto à produção: o programa contou com dois blocos, como de costume. O primeiro bloco teve duração de 30 minutos; e o segundo 5 minutos. Apesar de ter um tom mais conclusivo no segundo bloco, não notou-se diferenças consideráveis entre os dois blocos do programa, já que muitas narrativas presentes na primeira parte do episódio aparecem também no segundo.

O programa contou com sons e imagens de boa qualidade, além de um bom uso de artes gráficas para facilitar a apreensão de determinadas informações, principalmente dados estatísticos. A vinheta, os efeitos de transição inseridos e a trilha sonora conferiram dinamicidade ao programa, suavizaram os cortes e movimentações da câmera e colaboraram para que o telespectador tenha a impressão de que todas as reportagens foram apuradas simultaneamente.

No episódio Sofrimento para Abortar, as repórteres desempenham função dupla: entrevistam e cinegrafam. Com isso, em poucos momentos, as repórteres aparecem de pé, em frente à câmera e segurando um microfone. Normalmente, estavam vestidas com roupas extremamente confortáveis, segurando uma câmera média e utilizando um fone de ouvido como microfone. Para as repórteres, o primeiro plano fechado, com um sutil contra-plongée²⁸, foi o enquadramento predominante. Já para as pessoas entrevistadas, foram escolhidos planos, ângulos e enquadramentos que não mostrassem o rosto, como o plano médio e de costas, no qual a fonte de informação está a uma distância média da câmera e de costas para o equipamento. O embaçamento das personagens e a filmagem do pescoço para baixo também foram utilizados, em algumas entrevistas, para preservar a identidade das fontes.

O mentor Caco Barcellos apareceu em três momentos: na chamada de abertura do programa, no primeiro bloco com a repórter Nathalia Tavolieri e na chamada para o segundo bloco. No encontro com a repórter Tavolieri, em São Paulo, Barcellos perguntou como a repórter conseguiu entrar em contato com determinadas fontes, mas não interferiu no processo de apuração, com críticas ou sugestões.

Para encerrar a etapa de observação individual dos episódios do **Profissão Repórter**, o terceiro programa sobre a temática do aborto foi analisado, seguindo a mesma metodologia aplicada na primeira e na segunda análises.

²⁸Ângulo no qual a câmera fica abaixo do nível dos olhos, ou seja, voltada de baixo para cima.

4.3 EPISÓDIO ABORTO NA AMÉRICA DO SUL EXIBIDO EM 15/08/2018:

Com 36 minutos de duração, o episódio “Aborto na América do Sul” é o terceiro e último programa do **Profissão Repórter** sobre aborto que se tem registro e está disponível na plataforma Globoplay. O programa é iniciado com a vinheta do **Profissão Repórter**, que é exibida por dois segundos. Nos vinte e quatro segundos seguintes, são inseridos trechos das entrevistas que serão exibidas a seguir. Em seguida, o repórter Caco Barcellos aparece em uma manifestação organizada por mulheres brasileiras pró-aborto e faz uma chamada para o episódio do dia com o seguinte texto: “Esse protesto aqui da região central de São Paulo é de quem luta pelo direito ao aborto legal, seguro e gratuito. O **Profissão Repórter** de hoje mostra a lei do aborto no Brasil e as mudanças nos países vizinhos.”

Após a chamada, Barcellos faz a escalada do programa. Trechos das reportagens do dia são exibidos e, entre um trecho e outro, Barcellos diz por meio de **narração em off**: “A experiência do aborto legal no Uruguai”, “A votação do projeto de lei na Argentina”, “E a realidade no Brasil.”

Depois da escalada, o repórter aparece novamente na manifestação das mulheres. Barcellos encerra a abertura do programa de forma descontraída, correndo na frente da faixa principal do protesto. Enquanto corre, Barcellos pronuncia o slogan do programa: “Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem: agora no **Profissão Repórter**”.

Figura 6 – Reprodução da tela do episódio Aborto na América do Sul, exibido em 15/08/2018. Repórter Caco Barcellos faz a abertura do programa.



Acesso em 22/10/2018

Após um minuto e cinquenta e quatro segundos de abertura, a vinheta entra no ar. A vinheta exibida no dia 15/08/2018 é diferente das vinhetas dos programas sobre aborto analisados anteriormente neste trabalho. A vinheta do programa Aborto na América do Sul sugere que a atividade jornalística é dinâmica, já que conta com diversas imagens dos jornalistas do **Profissão Repórter** em situações levemente arriscadas, como navegando de canoa em um rio sujo, em cadeias, voando, em florestas, atravessando a fronteira a pé etc. Todas essas situações são exibidas em quinze segundos, mostrando para o telespectador o quanto a equipe do programa trabalha e se arrisca para produzir as reportagens semanais, reforçando a metalinguagem²⁹ que está sempre presente no **Profissão Repórter**

Passados os dois minutos e nove segundos de introdução, o primeiro bloco do programa é iniciado. A cidade uruguaia de Montevideu é o cenário da primeira reportagem, que é produzida por Caco Barcellos. Acompanhado de uma cinegrafista, Barcellos vai ao Centro Hospitalar Pereira Rossell para conhecer as instalações e conversar com o diretor do hospital. O local é a principal maternidade pública do Uruguai, tanto que a cada cinco crianças uruguias uma nasce no Centro Hospitalar Pereira Rossell.

²⁹ Segundo o Dicionário Aurélio (METALINGUAGEM, 2018), a metalinguagem é uma “língua especializada que se utiliza para descrever uma língua natural” e uma “linguagem de descrição de uma outra língua formal ou informática”.

Por meio de **narração em off**, Barcellos informa que o aborto é legalizado no Uruguai desde 2012, permitindo que a gravidez seja interrompida até a 12ª semana de gestação com o amparo do serviço de saúde do país. A narração de Barcellos é coberta com imagens do repórter conhecendo as instalações da principal maternidade do Uruguai.

Depois de conhecer o hospital, Caco Barcellos vai às ruas de Montevidéu coletar opiniões sobre a lei do aborto uruguaia. No povo-fala³⁰, quatro mulheres são ouvidas: três são contra a lei do aborto e uma se mostra neutra, dizendo que a lei é positiva porque dialoga com a atual liberdade feminina, mas que o país conta com diversos métodos gratuitos para evitar a gravidez. A partir desse último posicionamento, o repórter informa por meio de **off** que o país distribui preservativos e pílulas anticoncepcionais, confirmando o que foi dito pela última mulher entrevistada no povo-fala.

Barcellos aparece novamente na maternidade uruguaia conversando com o diretor do hospital, que já havia aparecido anteriormente, mas não tinha sido identificado por meio de gerador de caracteres. O diretor Francisco Cópola conta que a legalização do aborto reduziu muito o índice de mortalidade materna, tanto que no Hospital Pereira Rossell este número chegou a zero. Em seguida, Caco Barcellos informa que, após a mudança na lei, no Uruguai são feitos 8.500 abortos legais por ano e que, em média, uma mulher morre por ano em todo o país em decorrência do procedimento, confirmando o que o diretor Cópola havia dito.

Depois, o repórter conversa com a atendente de lanchonete Ana Laura, que já realizou um aborto e contou sobre as suas motivações para fazê-lo. Antes da entrevistada comentar a sua situação, Barcellos diz: “Acabamos de conhecer Ana Lauda. Ela sim... Ela trabalha nessa lanchonete, servindo lanches e café. E acabamos de saber que ela fez um aborto. E ela concordou em explicar para a gente porquê fez isso. Como é que foi a sua decisão?”. O excesso de pausas, a repetição de palavras e o uso de um texto simples e improvisado indicam que, provavelmente, Barcellos e equipe fizeram uma pausa nas gravações, foram à lanchonete e, sem planejar, conseguiram uma fonte de informação. O imprevisto se confirma quando Barcellos anuncia a fonte como Ana Lauda, no gerador de caracteres aparece Ana Laura, não sendo possível saber qual o nome correto da entrevistada, além da ausência de um possível sobrenome da mulher.

A atendente Ana conta que decidiu pelo aborto porque não tinha emprego na época e não tinha condições de criar mais uma criança, pois ela já tinha um filho. A decisão foi tomada em conjunto com o namorado.

³⁰ O povo-fala é um conjunto de entrevistas gravadas na rua com o objetivo de colher a opinião de diversas pessoas comuns sobre determinado assunto.

Após a entrevista com a atendente, a vinheta de transição é exibida para indicar que haverá mudança de narrativa. A vinheta de transição é um recurso presente em todos os episódios analisados e, portanto, é um código partilhado entre o **Profissão Repórter** e o espectador.

Acompanhada de um cinegrafista, a repórter Mayara Teixeira foi para a Buenos Aires, capital da Argentina, cobrir a votação da legalização do aborto pelo senado argentino que ocorreu nos dias 08 e 09 de agosto de 2018, uma semana antes do programa Aborto na América do Sul ser exibido.

A repórter Teixeira conta que o país estava dividido sobre o assunto e que, para se manifestar, as pessoas pró-aborto adotaram a cor verde e as pessoas contra o aborto adotaram a cor azul. A princípio, a repórter conversa apenas com mulheres pró-aborto.

Em seguida, Teixeira vai a uma das maiores favelas de Buenos Aires, a 1-11-14, que tem 60 mil habitantes. Na favela, a repórter faz um povo-fala na tentativa de descobrir o que as mulheres portenhas acham do aborto. Das quatro mulheres ouvidas: uma se posicionou contra, uma a favor e duas se mantiveram neutras.

Após a visita à 1-11-14, Mayara Teixeira retorna para as ruas centrais da cidade e conversa com pessoas que são contra o aborto e estão utilizando a cor azul para se manifestar.

Depois, a repórter vai até o prédio do ministério da saúde para entrevistar o ministro da saúde da Argentina, Adolfo Rubinstein, que conta que o aborto é crime no país desde 1921. A mulher argentina só pode abortar se for vítima de um estupro ou se estiver correndo risco de morte.

A vinheta de transição de narrativa é exibida novamente. Desta vez, a reportagem do programa vai para a cidade de São Paulo com o repórter Guilherme Belarmino. Com uma música de fundo que sugere tristeza e drama, o repórter dá início a sua participação informando que o aborto é permitido no Brasil em três situações: quando há risco de morte da gestante, por gravidez em decorrência de estupro e quando o feto é anencéfalo. Além disso, se uma mulher não se encaixa nas situações anteriores e realizar um aborto, ela pode ser denunciada e condenada a pagar pena de até três anos de detenção. Essas informações são repassadas para o telespectador por meio de **off**, coberto por uma arte gráfica.

Figura 7 – Reprodução da tela do episódio Aborto na América do Sul, exibido em 15/08/2018. Explicação da lei do aborto brasileira.



Acesso em 22/10/2018

Após trazer algumas informações iniciais, Guilherme Belarmino vai ao prédio da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, no qual funciona o Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher (Nudem). A defensora pública Ana Rita Souza Prata conta que a maioria das mulheres acusadas de realizar um aborto ilegal no estado são, normalmente, mãe de outros filhos, provedoras dos lares em que vivem, sem antecedentes criminais, pobres e com renda mensal entre R\$ 600,00 e R\$ 900,00. Belarmino informa que a defensoria entrou com um pedido na justiça para encerrar o processo de trinta mulheres acusadas de realizar aborto e que apenas cinco encerramentos foram concedidos.

Depois da entrevista com a defensora pública, Guilherme Belarmino aparece na redação do programa em São Paulo. Belarmino diz: “Eu consegui o telefone de uma das trinta mulheres acusadas de fazer aborto aqui no estado de São Paulo. Eu vou ligar para ela agora”. Belarmino consegue entrar em contato com a mulher, que aceita contar a sua história pelo telefone. Enquanto ela conversa com o repórter, são inseridas artes gráficas que se relacionam com os fatos relatados, como festa, carnaval de 2013, busca de medicamento abortivo na internet, compra ilegal dos comprimidos etc. A mulher contou detalhes de como e quando engravidou e realizou o aborto com comprimidos em casa. A voz dela foi distorcida para dificultar o processo de identificação.

O efeito de transição sonorizado é inserido, indicado mudança ou retomada de narrativa. O programa volta para Buenos Aires com a repórter Mayara Teixeira, que aparece em frente ao prédio do senado argentino, onde mulheres pró-aborto se reuniram para manifestar o posicionamento do grupo. Novamente, a repórter faz um povo-fala com algumas mulheres favoráveis ao aborto presentes no evento.

Depois do conjunto de entrevistas, Teixeira conversa com a fotógrafa e ilustradora Melisa Blois, que é pró-aborto e está participando do evento em frente ao senado argentino. Blois usa o slogan do movimento argentino favorável ao aborto: "Educação sexual para decidir, anticoncepcional para não abortar, aborto legal para não morrer". Após a entrevista, são mostradas algumas imagens do protesto e a repórter Teixeira coleta a opinião de mais uma mulher favorável ao aborto.

O efeito de transição de narrativa é inserido novamente, e o programa volta a Montevideú com Caco Barcellos. O repórter entrevista a diretora do grupo Mulher e Saúde no Uruguai (Mysu) Lilián Abrancinskas. Abrancinskas acredita que a lei do aborto do Uruguai trouxe muitos benefícios, mas precisa ser aprimorada, já que permite que o aborto seja realizado até a 12ª semana de gestação por vontade da mulher e até a 14ª semana em casos de estupro. No entanto, segundo ela, muitas vezes as mulheres jovens descobrem a gravidez perto ou depois do prazo permitido para realizar o aborto legal e, com isso, muitas recorrem ao sistema clandestino de aborto.

Por meio de **off** coberto com imagens de mulheres jovens transitando pelas ruas de Montevideú, Barcellos informa que, antes de realizar um aborto legal no Uruguai, a mulher deve conversar com um ginecologista, um assistente social e um psicólogo. Barcellos acrescenta que, segundo o Mysu, em pequenas cidades do interior do país faltam profissionais para realizar o procedimento. Para confirmar a situação, Barcellos vai até a cidade uruguiaia de Castillos, que conta com apenas um hospital e fica a 260 quilômetros de Montevideú.

Barcellos chega ao único hospital da cidade e conversa com uma funcionária que conta que no momento não há nenhum membro da direção do hospital para conversar com o jornalista. A funcionária também explica que não é possível realizar um aborto legal naquele hospital porque a cidade não tem um médico ginecologista, mas que a 40 minutos, na cidade de Rocha, há uma estrutura completa para atender mulheres que desejam interromper a gravidez.

Com isso, o repórter vai até a cidade de Rocha e conversa com o ginecologista do hospital da cidade, Jorge Gonzalez. Gonzalez conta que a presença dos três profissionais (ginecologista, assistente social, psicólogo) não garante à mulher o direito de abortar, por

conta da objeção de consciência que permite que o médico não realize o procedimento se isso for contra os seus princípios, o que é o caso de Gonzalez. Gonzalez explica que recebe a paciente, a orienta e a encaminha para um lugar que faça o aborto.

O efeito de mudança de narrativa é inserido, e o programa volta para São Paulo com o repórter Guilherme Belarmino. Antes do repórter reaparecer, um trecho do depoimento da mulher que foi acusada de realizar um aborto ilegal e está sendo ajudada pela Defensoria Pública do Estado de São Paulo foi exibido novamente, para lembrar o telespectador.

O repórter aparece em frente ao Fórum Criminal Ministro Mário Guimarães, onde a mulher entrevistada anteriormente deve comparecer uma vez a cada dois meses, para assinar um termo se comprometendo a não frequentar lugares à noite que vendam bebidas alcoólicas e também a não sair da cidade sem avisar a justiça. Belarmino consegue conversar pessoalmente com a mulher, que ficou de costas para a câmera e atrás de uma árvore para não aparecer e não ser identificada. Quando filmada de outro ângulo, a mulher permanece de costas e tem o seu corpo totalmente coberto por um efeito embaçador, impedindo a visualização das roupas dela e de qualquer característica física.

A mulher revelou que passou por todo o processo sozinha e que não chegou a contar que estava grávida para o pai da criança. O atual marido também não sabe da situação anterior e desconhece o fato da mulher ir ao fórum a cada dois meses. A entrevistada contou também que antes era contra o aborto, mas que passou a ser a favor depois de passar por essa situação.

O efeito de transição é exibido, e o episódio Aborto na América do Sul volta para Buenos Aires com a repórter Mayara Teixeira. Dessa vez, a repórter vai a manifestação das pessoas contrárias à legalização do aborto no país, composta majoritariamente por religiosos. A repórter, mais uma vez, faz um povo-fala. Depois, ela conversa com o pastor Jorge Gómez, que sugere que a lei da adoção seja aperfeiçoada no país, permitindo que se adote desde a gravidez. Para finalizar o bloco, a repórter conversa com um jovem que estava vendendo fatias de bolo na manifestação. Com o dinheiro das vendas, o jovem e o seu grupo tinham como objetivo realizar uma marcha de conscientização contra o aborto por toda a Argentina.

Após as entrevistas, Caco Barcellos faz uma chamada para o próximo bloco: “Você vai ver ainda hoje: o dia da votação no senado argentino, a opção pelo aborto na periferia do Uruguai e as discussões em Brasília”, anuncia Barcellos. Entre um trecho da chamada e outro, **teasers** das reportagens do segundo bloco são exibidos. A vinheta do programa entra no ar, indicando o fim do primeiro bloco que durou 24 minutos.

O intervalo comercial chega ao fim e a vinheta do **Profissão Repórter** entra no ar novamente. O repórter Caco Barcellos vai até Chuy, cidade uruguaia que faz fronteira com o Brasil. Barcellos conversa com Cláudia Richelli, subdiretora de um hospital da cidade. Ela explica que, quando uma mulher chega ao hospital desejando realizar um aborto, a equipe agiliza as consultas para realizar os exames no mesmo dia ou no dia seguinte. Depois, a mulher tem até uma semana para decidir definitivamente pelo aborto ou não. Por meio de **off**, Barcellos informa que, em média, 85% das mulheres retornam para o hospital para abortar. Elas recebem um medicamento que só é distribuído pelos hospitais públicos e depois realizam o aborto em casa. Após tomar os remédios, as mulheres voltam ao hospital e passam por uma consulta para verificar o estado de saúde.

Ainda em Chuy, Barcellos conversa com a ginecologista Jaqueline Almada, que mostra a cartela de remédios que é dada para as mulheres que realizarão o aborto. Quando perguntada se brasileiras podem interromper a gestação no hospital localizado em uma cidade uruguaia que faz fronteira com o Brasil, Almada responde que só é possível se a mulher for casada com um uruguaio, tiver filhos uruguaios ou residir muito perto do Uruguai.

Uma música que sugere tristeza e drama, além de imagens de um ônibus escolar são inseridas por quatro segundos, suavizando a mudança de cena. Depois de passar pelo hospital de Chuy, Caco Barcellos vai até a casa de Dona Evangelina, localizada em um bairro pobre da cidade. Na época da reportagem, Dona Evangelina morava com o marido e com cinco filhos, sendo que uma de suas filhas é autista e necessita de cuidados especiais. Evangelina conta que, há dois meses, realizou um aborto legal porque o bebê nasceria com paralisia cerebral. A entrevistada também relatou que ficou muito abalada com a situação.

Por meio de **off** coberto pelas imagens das bandeiras do Brasil e do Uruguai hasteadas, Barcellos informa que o aborto não era permitido no Uruguai em nenhuma hipótese, até a criação da lei do aborto uruguaia de 2012.

Depois, a reportagem volta para a entrevista com Dona Evangelina, que conta que não realizaria o aborto se o procedimento fosse ilegal no país, mesmo com as dificuldades.

O efeito de transição sonorizado é inserido, e Brasília aparece pela primeira vez como cenário do episódio Aborto na América do Sul. O repórter Guilherme Belarmino cobriu a audiência pública sobre a descriminalização do aborto no Brasil, realizada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e que ocorreu nos dias 03 e 06/08/2018. Imagens da audiência são exibidas. Entre um trecho do evento e outro, Belarmino explica o objetivo da audiência e informa que o Ministério da Saúde se declarou neutro sobre o assunto, que 38 instituições

presentes na audiência se declararam a favor da descriminalização e 17 se posicionaram contra.

Em seguida, Belarmino entrevista o bombeiro André Santana, que é contra o aborto e estava rezando com a esposa, na porta do auditório em que ocorria a audiência. Após conversar rapidamente com o bombeiro, Belarmino explica que não há um consenso entre os religiosos, pois parte deles se mostra a favor da descriminalização e parte contra. Para confirmar o dissenso, o repórter entrevista a pastora luterana Luzmarina Garcia, que é a favor da descriminalização do aborto.

Figura 8 – Reprodução da tela do episódio Aborto na América do Sul, exibido em 15/08/2018. Protesto a favor da descriminalização do aborto.



Acesso em 22/10/2018

Em frente ao prédio do STF, Belarmino conversa com a advogada Raquel Bartholo, que está participando de uma manifestação pró-aborto. A advogada conta que já realizou um procedimento abortivo, não se arrepende e que “se o Estado começar a perseguir todas as mulheres que fizeram aborto, [...] vai ser muito simbólico o estado de perseguição, de criminalização e de desrespeito à vida das mulheres”. Depois, o repórter conta que a defensora pública Ana Rita Souza Prata, que já havia aparecido no primeiro bloco do programa, também está presente na audiência pública e se posicionou a favor da descriminalização do aborto no país. A defensora é entrevistada novamente por Belarmino.

De Brasília, o programa retorna para Buenos Aires, após a inserção do efeito de transição. A repórter Mayara Teixeira cobriu a votação da legalização do aborto pelo senado argentino. Trechos da votação são inseridos e, em seguida, a repórter aparece na sala reservada para a imprensa, já que a entrada no plenário não é permitida aos jornalistas.

Então, Mayara Teixeira vai às ruas para cobrir as manifestações durante a votação. Teixeira passa pelas manifestações a favor e contra a legalização do aborto na Argentina e realiza um povo-fala com quatro mulheres, sendo duas contra e duas a favor.

Por meio de **off** coberto com imagens da votação, a repórter informa que o projeto de lei para legalizar o aborto foi rejeitado pelo senado argentino, por 38 votos contra e 31 a favor. Com isso, Teixeira volta para as manifestações populares a favor e contra o aborto para registrar a reação das pessoas após a decisão. Novamente, a repórter faz um povo-fala com duas mulheres: uma contra e outra a favor.

Após o depoimento da mulher a favor do aborto, são inseridas imagens do protesto a favor do aborto legal na Argentina. Poucos segundos depois, os créditos do programa entram e dividem tela com um depoimento de uma jovem favorável à legalização do aborto no país. Por fim, alguns trechos do programa são exibidos em tela cheia, enquanto o restante dos créditos aparece. Dessa forma, se dá o fim do segundo bloco que teve duração de 11 minutos, quase metade do tempo do primeiro bloco.

Considerando a ficha de leitura e avaliação criada para analisar os episódios do **Profissão Repórter**, é possível chegar às seguintes conclusões sobre o programa Aborto na América do Sul: quanto aos atores, temos os profissionais de saúde do Uruguai e da Argentina; as mulheres uruguaias que já realizaram um aborto; o ministro da saúde da Argentina; a defensora pública de São Paulo; a mulher acusada de realizar um aborto em casa, no estado de São Paulo; uma das diretoras do grupo feminista Mysu; o pastor argentino que é contra a legalização do aborto; o jovem argentino que vende bolo para realizar uma viagem que tem como objetivo convencer mais pessoas a serem contra o aborto; a uruguaia que realizou um aborto legal porque o bebê tinha paralisia cerebral; o bombeiro que rezava na porta do STF; a pastora luterana a favor da descriminalização do aborto; a advogada brasileira que já realizou um aborto, mesmo a legislação do país não permitindo e todas as mulheres que participaram do povo-fala em Montevideu e em Buenos Aires. Esses atores também são fontes de informação, pois fornecem dados, histórias e versões, elementos importantes e indispensáveis para uma reportagem. Nas entrevistas e no povo-fala, as fontes de informação foram inseridas nas narrativas pelos próprios repórteres. Repórteres estes que também podem

ser tidos como atores das narrativas apresentadas. São eles: Caco Barcellos, Mayara Teixeira e Guilherme Belarmino

Apesar de se tratar de um tema delicado e tido como tabu, não notou-se o tom dramático presente nos outros dois episódios analisados anteriormente neste trabalho. Além disso, todas as fontes tiveram seus rostos filmados, exceto a mulher acusada de realizar um aborto em casa, no estado de São Paulo. Para as pessoas entrevistadas, o uso do primeiro plano, no qual a pessoa é filmada do peito para cima, e o uso do lado $\frac{3}{4}$, no qual a câmera forma um ângulo de 45° com a pessoa filmada, foram predominantes. Já para os repórteres, notou-se a predominância do meio primeiro plano de frente, no qual a pessoa está de frente para o equipamento e é filmada da cintura para cima.

As entrevistas foram realizadas em cenários relacionados ao assunto: hospitais, ruas em que ocorriam manifestações, prédio do STF, prédio da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, prédio do ministério da saúde da Argentina, em frente ao Fórum Criminal Ministro Mário Guimarães, sede do grupo feminista Mysu e casa das pessoas entrevistadas. O único local inesperado que foi cenário de uma entrevista foi a lanchonete uruguaia, na qual Caco Barcellos conversou com a atendente Ana Laura. Como já dito anteriormente, é muito provável que a entrevista tenha ocorrido por acaso.

Ainda quanto aos atores, a relação repórter-fonte durante o episódio foi tranquila, mesmo em situações que poderiam gerar tensões narrativas, como nas manifestações argentinas ou quando Belarmino discretamente entrevistou uma mulher acusada de realizar um aborto no estado de São Paulo. Além disso, também foi observado o uso frequente do povo-fala, que coletou opiniões diversas e plurais.

Quanto ao tema: a discussão da lei do aborto em três países da América do Sul (Argentina, Brasil e Uruguai) é o assunto central do episódio. Para reportar a realidade dos três países, os repórteres usaram uma linguagem que consideramos fácil, acessível e pouco ensaiada. As entrevistas realizadas na Argentina e no Uruguai foram feitas em espanhol e traduzidas para o telespectador por legenda ou por áudio simultâneo.

Quanto às narrativas: durante o episódio Aborto na América do Sul, temos as seguintes narrativas: funcionamento da lei do aborto no Uruguai; a votação do projeto de lei para descriminalizar o aborto na Argentina e o acirramento entre os movimentos contra e a favor do aborto no país; a discussão da realidade brasileira, além da audiência pública realizada pelo Supremo Tribunal Federal para colher diferentes argumentos sobre o assunto. Todas as narrativas estão diretamente relacionadas ao assunto central do programa, já que o

episódio do dia tem como objetivo reportar a realidade da lei do aborto em diferentes países da América do Sul.

O episódio não conta com pontos de vistas conflituosos e nem com moral da história clara. No entanto, as pessoas que são a favor do aborto apareceram por mais tempo e tiveram mais sucesso na hora de reforçar o posicionamento, se munindo de dados e discursos menos emocionais, o que pode ter um poder de convencimento maior, apesar dos depoimentos emocionais serem potenciais incitantes.

Quanto à produção: o episódio contou com dois blocos. O primeiro teve duração de 24 minutos; e o segundo de 11 minutos. Não foram notadas diferenças consideráveis entre os dois blocos, no entanto, o segundo teve um caráter mais conclusivo e trouxe o desfecho de algumas narrativas.

O programa contou com sons e imagens de boa qualidade, além de um bom uso de artes gráficas, principalmente quando os repórteres citavam dados estatísticos. Na edição, também notou-se um bom uso dos efeitos de transição, músicas de fundo e vinheta, elementos que conferem dinamicidade e suavizam os cortes e movimentações de câmera. Além disso, no episódio Aborto na América do Sul, os três repórteres estavam acompanhados de cinegrafistas e, portanto, não acumulavam funções.

Por fim, a participação de Caco Barcellos se deu de uma forma diferente: ele não interferiu na apuração da reportagem dos outros repórteres, além de ter aparecido por muito tempo, no primeiro bloco, investigando o funcionamento da lei do aborto no Uruguai. Vale destacar que os repórteres escolhidos para produzir o episódio são uns dos mais experientes da equipe: Caco Barcellos, criador do programa; Guilherme Belarmino, que está no **Profissão Repórter** desde 2014, e Mayara Teixeira, que trabalha no programa desde 2015. A escolha desses profissionais acarretou em uma descaracterização do tom experimental e pedagógico do programa, já que a característica marcante do **Profissão Repórter** é justamente o fato das grandes reportagens serem conduzidas por repórteres jovens e recém-graduados, que são mentorados por Barcellos durante todo o processo de construção da reportagem.

5 CONCLUSÃO

Após a análise de três episódios do **Profissão Repórter** sobre aborto, compreendemos que o programa frequentemente utiliza estratégias de autorreferencialidade³¹, produzindo um discurso voltado mais para a própria realidade. Ao se autorreferenciar, o programa ganha o apreço do público, por meio da empatia, e cumpre o objetivo de expor os bastidores da notícia.

Considerando a ficha de leitura e avaliação criada para analisar os três episódios do programa, percebemos que, apesar de pertencerem a temporadas diferentes, os programas *Aborto Clandestino* (2014), *Sufrimento para Abortar* (2017) e *Aborto na América do Sul* (2018) possuem muitas similitudes entre si.

Quanto aos atores e sujeitos das narrativas, percebemos que os programas contam com um número considerável de fontes, o que enriquece as narrativas. No primeiro episódio analisado foram 13 pessoas entrevistadas, no segundo foram 27 e no terceiro 17, sem contar as pessoas que participaram do povo-fala. Normalmente inseridos pelos jornalistas, os atores, que também são fontes de informação, fornecem fatos, versões e dados diretamente ligados ao assunto. No entanto, como altamente recomendado na atividade jornalística, os repórteres do programa não se atêm apenas ao que é dito pelas fontes e recorrem à testemunhas e documentos capazes de confirmar ou refutar o que havia sido apresentado pelas fontes primárias, principalmente no caso de pontos de vistas conflituosos.

Como já discutido nesse trabalho, os repórteres também podem ser considerados atores das narrativas exibidas no programa, pois no trabalho de reportagem e edição interagem diretamente com o fato ou com os efeitos dele. No entanto, anteriormente neste trabalho, propomos uma reflexão sobre o fato do **Profissão Repórter** não ser único ao colocar o jornalista como protagonista das grandes reportagens, mas ser um programa que hiperboliza as características inerentes aos programas jornalísticos investigativos. Afinal, durante a apuração, o repórter é a figura mais interessada no desnudamento de um mistério, o que justifica a postura heroica desses profissionais.

Esse aspecto é reforçado na análise de boa parte das histórias tomadas como recorte, nas quais o **Profissão Repórter** segue um padrão narrativo: primeiramente, um problema é detectado e os repórteres entram em ação para explorá-lo. Durante a apuração, o

³¹ No discurso autorreferencial, “[...] as mídias tradicionais passam a fazer referência ‘a si próprias’, a produzirem um discurso jornalístico voltado cada vez mais para a sua própria realidade.” (RIBEIRO, 2010, p. 05).

profissional se depara com obstáculos e desafios que podem prejudicar o andamento da reportagem, como, por exemplo, uma fonte importante que não quer ser entrevistada. Para superar o desafio, o repórter conta com a ajuda de outro(s) personagem(ns), como o mentor Caco Barcellos, que geralmente aponta uma boa solução. Por fim, o obstáculo é vencido, e o problema inicial é resolvido ou fica mais perto de uma resolução. Portanto, o programa conta uma estrutura dramática que se dá a partir de um conflito de ação clássico.

Ao encarar o programa como uma história, temos Caco Barcellos como mentor e narrador central e os repórteres como mocinhos e heróis. Falando especificamente dos três episódios sobre aborto, as mulheres entrevistadas apareceram majoritariamente representando dois papéis: o de vilã, por ter cometido um crime, ou o de vítima, por ter a vida regida por uma legislação que não lhe dá o direito de decidir pelo aborto ou por se deparar com a falta de informação de alguns profissionais que burocratizam o processo, mesmo quando ela tem o direito de abortar.

Além disso, detectamos um padrão no momento de contar as histórias dessas mulheres: as que interrompem ou desejam interromper a gravidez se escondem, são escondidas e têm a vergonha como sentimento predominante; e as que optaram por não abortar se mostram, são mostradas e têm a sensação de vitória e orgulho como sentimento predominante. Enquanto o primeiro episódio dá indícios de que o aborto não é recomendado, já que quem o pratica pode vir a falecer ou, se cúmplice, pode ser preso; o segundo e o terceiro episódio são menos alarmantes e possuem um tom mais acolhedor e empático.

Quanto ao conteúdo dos programas, segundo aspecto observado neste trabalho, notamos que cada um dos episódios analisados tinha uma proposta de investigação específica e ligada às discussões que ocorriam na época em que os programas foram exibidos. Tanto que, para justificar a escolha da temática da semana, o programa costuma inserir trechos de reportagens exibidas recentemente pelos noticiários da Rede Globo e que estejam diretamente ligadas ao assunto da semana. A partir disso, as equipes do **Profissão Repórter** produziram três programas sobre aborto totalmente diferentes entre si, explorando os múltiplos lados do tema e levando em consideração as discussões do momento e o agendamento televisivo.

Em relação ao conteúdo, também observamos o uso de uma linguagem que consideramos direta, fácil e acessível por parte dos repórteres, nos momentos em que eles falavam diretamente para a câmera e, conseqüentemente, para o telespectador e durante as entrevistas realizadas.

Quanto às narrativas dos programas: todos os programas foram multiangulares e todas as narrativas apresentadas interagiam diretamente com o assunto central dos programas,

portanto, em nenhum episódio foi detectado distanciamento do tema e das macro-histórias. No entanto, acreditamos que o episódio Sofrimento para Abortar tenha pecado pelo excesso de narrativas, que podem confundir e cansar o espectador. Por conta disso, tivemos dificuldades para perceber e contabilizar a quantidade de angulações do programa.

Dos três episódios, apenas o segundo programa (Sofrimento para Abortar) apresenta moral da história clara. Nele, fica explícito o objetivo do programa de evidenciar a desinformação dos profissionais da saúde, que burocratizam o procedimento do aborto legal e, conseqüentemente, prejudicam mulheres que têm o direito e o desejo de realizá-lo. Já o primeiro e o terceiro episódio não contam com uma moral da história tão evidente, apesar de dar informações suficientes para que o telespectador seja capaz de formular ou reformular o seu posicionamento sobre o assunto.

Quanto ao último aspecto analisado, a produção do programa, observamos que os três programas compartilham da mesma estrutura: abertura e escalada conduzida por Caco Barcellos; inserção da vinheta de abertura; exibição da primeira parte das reportagens; escalada do segundo bloco conduzida por Caco Barcellos; intervalo comercial; exibição da segunda parte das reportagens, que têm um tom mais conclusivo e, por fim, a inserção dos créditos dos programas. A abertura dos episódios também segue a mesma lógica nos três programas: trechos das reportagens são exibidos; Barcellos aparece e faz uma chamada, explicando o tema do programa; em seguida, Barcellos faz a escalada do episódio e, enquanto ele fala, novos trechos das reportagens são exibidos. Depois, Barcellos aparece novamente e diz: “Os bastidores da notícia, os desafios da reportagem: agora no **Profissão Repórter**”.

Já a vinheta do programa não é a mesma em todos os episódios, já que cada episódio analisado pertence a uma temporada diferente do **Profissão Repórter**. A vinheta do programa de 2014 conta com elementos cinematográficos, enquanto a vinheta do programa de 2017 é extremamente gráfica e animada. Por fim, a vinheta do programa de 2018 é mais autorreferencial e didática. Além das vinhetas de abertura, os programas contam com um efeito de transição que sempre é inserido quando há mudança ou retomada de narrativa, sendo um código partilhado entre o programa e telespectador. Além de sinalizar a mudança de história, o efeito suaviza os cortes e as movimentações de câmera.

O primeiro bloco dos programas teve duração de 20 minutos no primeiro episódio analisado, 30 no segundo e 24 no terceiro. Já o segundo bloco do primeiro programa durou 6 minutos, 5 minutos no segundo e 12 minutos no terceiro. Com isso, a duração total dos episódios foi de 26, 35 e 36 minutos, respectivamente.

Os três programas contam com imagens e sons de boa qualidade, além de artes gráficas que ajudam o telespectador a apreender as informações complementares. Também observamos que, apesar de todos os repórteres terem uma boa postura e desenvoltura, o desempenho em frente à câmera não é o ponto mais importante para eles, tanto que muitas vezes os repórteres aparecem falando de lado para a câmera, vestindo roupas estampadas e mais coloridas e com os cabelos presos, o que não é muito comum no telejornalismo e considerado inadequado por muitos manuais da área.

Ainda sobre os repórteres e a cinegrafia: normalmente, os repórteres aparecem acompanhados de cinegrafistas, mas no segundo episódio analisado (Sofrimento para Abortar) os repórteres acumularam função e ficaram responsáveis por cinegrafar. Com isso, a figura do jornalista e o fazer jornalístico são ainda mais naturalizados. Por fim, depois de analisar os episódios, notamos que o enquadramento predominante para os repórteres é o meio primeiro plano, no qual a pessoa é filmada da cintura para cima. Já as fontes de informação aparecem mais enquadradas em primeiro plano, no qual a figura é filmada do peitoral para cima.

Também observamos que, com o passar dos anos, o mentor Caco Barcellos tem interferido cada vez menos na apuração das reportagens dos outros repórteres. Nas temporadas anteriores, Barcellos aparecia coordenando a reunião de pauta, ligando sempre para os repórteres e verificando o andamento das reportagens. No entanto, o criador do programa tem adotado uma postura menos paternalista, tanto que interferiu uma vez no episódio Aborto Clandestino, uma vez no programa Sofrimento para Abortar e nenhuma vez no episódio Aborto na América do Sul.

A falta de interferências de Caco Barcellos somada à longa estadia de alguns repórteres no programa, como Guilherme Belarmino que está na equipe desde 2014, colabora com a perda do tom laboratorial, pedagógico e didático do programa. Nas temporadas anteriores, a impressão dada ao telespectador era de que as reportagens eram produzidas, primeiramente, para serem vistas por Caco Barcellos, que autenticava o material. Todo esse processo era gravado e mostrado ao telespectador, que passava a entender como uma reportagem é produzida. No entanto, os momentos de diálogo entre mentor e discípulo (repórter) não são mais inseridos com tanta frequência.

A partir da observação e análise dos episódios do **Profissão Repórter**, é possível destacar algumas características gerais que marcam o programa: primeiramente, por se utilizar de estratégias de autorreferencialidade, o programa pode ser tido como um produto que transita pelos gêneros jornalismo investigativo, **reality show** e documentário, sendo o gênero jornalismo investigativo mais evidente e primário. Além disso, as reportagens do programa

têm em comum o fato de contarem com **offs** curtos e objetivos, passagens³² espontâneas e entrevistas longas e com poucos cortes.

Misturando elementos do jornalismo investigativo, da dramaturgia do jornalismo, do **reality show** e do **making of**, o programa é editado de uma forma que causa a sensação de cobertura simultânea dos fatos, o que confere dinamicidade aos episódios. Por meio da metalinguagem e autorreferencialidade, o programa naturaliza o fazer jornalístico e cria uma ligação com o telespectador, além de permitir que discussões sobre o exercício da profissão sejam produzidas ao mesmo tempo em que são vividas pelos jovens repórteres.

Inclusive, o programa colabora para a construção do que gostaríamos de denominar como **jornalístico empático**, no qual o repórter fala de igual para igual com as fontes de informação, desconsiderando as possíveis diferenças que possam existir entre as duas partes. Por meio de uma comunicação não-violenta, o jornalista traz à tona o seu lado humano e estabelece uma relação sincera e de extrema confiança com os entrevistados. No jornalismo empático, a pretensão é de não evidenciar as distinções entre fonte e jornalistas, afinal, são todos personagens da reportagem e figuras da vida real.

Por fim, jornalistas altamente engajados com a reportagem e pautas extremamente relevantes contribuem para que o **Profissão Repórter** faça um mergulho jornalístico semanal, que nem sempre é realizado ou possível de ser realizado pelos programas jornalísticos diários.

³² A passagem é uma gravação realizada pelo repórter no local do acontecimento, com informações complementares. A passagem é inserida no meio da matéria.

REFERÊNCIAS

- ACERVO ESTADÃO. Assim vivem os nossos superfuncionários. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 ago. 1976. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19760801-31092-nac-0003-999-4-not/busca/vivem+nossos+superfuncion%C3%A1rios>>. Acesso em: 17 nov. 2018.
- ALVES, Jussara Borges. O Jornalismo Investigativo de A Liga, Conexão Repórter e Profissão Repórter: Proximidades e Distanciamentos com o Documentário. In: **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom: São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3333-1.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- ARANTES, Haydêe; MUSSE, Christina. Profissão Repórter: os desafios da nova reportagem investigativa na Tv. In: **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom: Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-1104-1.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2018.
- ARREBOLA, Talita Lima Chechin Camacho; SOUZA, Florentina das Neves. A dramaturgia no Jornal Nacional: um estudo dos elementos dramáticos na reportagem. In: **Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Intercom: Curitiba, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1195-1.pdf>>. Acesso em: 13 nov. de 2018.
- COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom: São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>>. Acesso em: 22 de out. de 2018.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238 p.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória, Disponível em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <[http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila_-_METODOLOGIA_DA_PESQUISA\(1\).pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila_-_METODOLOGIA_DA_PESQUISA(1).pdf)>. Acesso em: 16 out. 2018.
- GLOBOPLAY. **Haiti – Bloco 1**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1243101/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.
- GLOBOPLAY. **Jovens e drogas – parte 1**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1569427/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.
- GLOBOPLAY. **Profissão Repórter – Aborto – 28/10/2014**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3727550/>>. Acesso em: 22 out. 2018.

GLOBOPLAY. **Profissão Repórter – Aborto – 23/08/2017**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6099676/>>. Acesso em: 22 out. 2018.

GLOBOPLAY. **Profissão Repórter – Aborto – 15/08/2018**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6948539/>>. Acesso em: 22 out. 2018.

GLOBOPLAY. **Profissão Repórter mostra a despedida a Nelson Mandela – Parte 1**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3010152/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

GLOBOPLAY. **Tragédia em SC – Parte1**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/920184/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

GRUPO GLOBO. **História Grupo Globo**. Disponível em: <<http://historiagrupoglobo.globo.com/hgg/index.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Org.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 112 p.

KNEIPP, Valquíria Passos. A identificação do Jornalismo Investigativo na televisão brasileira. In: **Anais XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom: Natal, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0865-1.pdf>>. Acesso em: 12 de nov. de 2018.

LAGE, Leandro Rodrigues. O testemunho na TV: 'Profissão Repórter' e a encenação da encenação. **Intercom: Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**, São Paulo, Intercom, vol. 38, n. 2, p.139-158, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201528>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

LUCINDA, Tatiana Vieira

Lucinda. **O jornalista como “herói da informação”**: uma análise do Profissão Repórter. 2008. 130 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/TatianaVieira.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

MARQUES, Gisele; AGUIAR, Leonel Azevedo de. **"Última hora"**: a invenção do jornalismo investigativo. 2007. 19 f. Curso de Comunicação Social, Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, PUC Rio, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2007/relatorios/COM/com_gisele_marques.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

MEMÓRIA GLOBO. **Caco Barcellos**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/caco-barcellos/trajetoria.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

MEMÓRIA GLOBO. **Debate Collor x Lula**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

MEMÓRIA GLOBO. **Diretas Já**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/erros/diretas-ja.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

METALINGUAGEM. In: Dicionário Aurélio. Disponível em:
<<https://dicionariodoaurelio.com/metalinguagem>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

MONTANO, Diogo. **Documento Especial: Televisão Verdade**. Disponível em:
<<http://redemanchete.net/artigos/artigo.asp?id=89&t=Documento-Especial-Televisao-Verdade>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

NEVES, Teresa Cristina da Costa. **A dramatização no telejornalismo**. Caligrama (São Paulo. Online), v.1, n.3, dez. 2005. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56696/59725>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de Telejornalismo**, 2. ed. e 7. reimp. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 233 p.

PROFISSÃO Repórter 10 anos. Disponível em:
<<http://especiais.g1.globo.com/profissao-reporter/10anos/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

R7. **Repórter Record Investigação**. Disponível em: <<http://recordtv.r7.com/reporter-record-investigacao>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

REDE GLOBO. **Profissão Repórter: Manifestações de junho de 2013 (1º bloco)**. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/videos/t/tudo-da-globo/v/profissao-reporter-manifestacoes-de-junho-de-2013-1-bloco/3948250/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

RIBEIRO, Daiane Bertasso. A produção de sentidos no discurso autorreferencial de jornal impresso. In: **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom: Caxias do Sul, 2010. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0657-1.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SBT. **Conexão Repórter**. Disponível em:
<<https://m.sbt.com.br/jornalismo/conexaoreporter/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus Editorial, 2005. 197 p.

SOUZA, Iraciara Almeida de. **A narrativa como valor notícia: um estudo de caso do Globo Repórter**. 2006. 77 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em:
<<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1254/2/20264494.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

YOUTUBE. **Profissão Repórter 15/08/2018 Aborto – Completo**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=RdS6kXTi03c&t=47s>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

YOUTUBE. **Profissão Repórter - Aborto Clandestino 28/10/2014**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=Lz92n4nmvHY>>. Acesso em: 12 dez. 2018.